

REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO

LAP

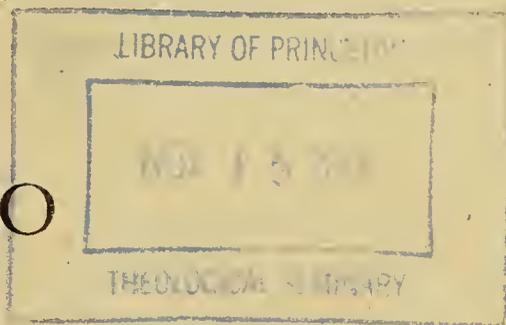
REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :

CAIRBAR SCHUTEL

(De 1925 a 1938)

SUMÁRIO



NATAL	<i>Redação</i>
E' Ingênua a Tese Materialista das «Materializações Mentais»	<i>V. O. Casella</i>
Artigos Escolhidos	<i>Carlos Imbassahy</i>
Profundamente Extranhável	<i>Arnaldo S. Thiago</i>
Espiritismo e Religião	<i>Deolindo Amorim</i>
Programa Mínimo e Imediato a ser Cumprido pela C. E. P. A.	<i>Natalio Ceccarini</i>
As Artes de Perder o Tempó	<i>Tito L. Bancescu</i>
A Obra de René Warcollier	<i>M. Lemoine</i>
Fenômenos de Materialização Estu- dados por Equipe Médica	<i>Irmão Saulo</i>
Crônica Estrangeira	<i>Redação</i>
Espiritismo no Brasil	<i>Redação</i>
Índice	<i>Redação</i>

Obras psicografadas por Francisco C. Xavier

EMMANUEL

Caminho, Verdade e Vida
Religião dos Espíritos
A Caminho da Luz
Pensamento e Vida
O Consolador
Fonte Viva
Pão Nosso
Emanuel
Roteiro
Vinha de Luz
Seara dos Médiuns
Justiça Divina
Paulo e Estevam (romance)
Há Dois Mil Anos «
50 Anos Depois «
Ave Cristo «
Renúncia «

ANDRÉ LUIZ

Sexo e Destino
Libertação
Nosso Lar
Agenda Cristã
Ação e Reação
Os Mensageiros
No Mundo Maior
Missionários da Luz
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Evolução em dois mundos
Mecanismo da Mediunidade
Nos Domínios da Mediunidade

HUMBERTO DE CAMPOS

Brasil, Coração do Mundo
Crônicas de Além-Túmulo
Contos e Apólogos
Novas Mensagens
Lázaro Rediviyo
Pontos e Contos
Luz Acima
Boa Nova
Reportagem de Além Túmulo

CASEMIRO CUNHA

História de Maricota (infantil)
Juca Lambisca «
Timbolão «

MEIMEI

Pai Nosso (infantil)
Evangelho em casa «
Cartilha do Bem «

VENERANDA

Os filhos do grande Rei (infantil)
O Caminho Oculto «

NEIO LUCIO

Alvorada Cristã (infantil)
Mensagem do pequeno morto «

OUTROS

Antologia dos Imortais
Instruções Psicofônicas
Parnaso de Além-Túmulo
Almas em desfile
Vozes do Grande Além
O Espírito da Verdade
Cartilha da Natureza
Jesus no Lar
Perolas do Além
Falando à Terra
Gotas de Luz
Voltei
Cartas de uma Morta
Coletâneas do Além
A Vida escreve
Volta Bocage

A' venda na Livraria «O CLARIM» — Caixa postal 11 — Matão — SP
Atendemos pedidos pelo Reembolso Postal

AVISO

Aos Nossos Prezados Assinantes

Conforme vem acontecendo, não só na imprensa da Capital mas na de todo o interior, também somos forçados, em virtude do aumento de tôdas as utilidades gráficas, a elevar os preços das nossas publicações, que passarão a ser os seguintes, a partir de 1.º de janeiro de 1964:

REVISTA	-	Assinatura Anual	Cr.\$ 1.000,00
		» Semestral	» 550,00
O CLARIM	-	Assinatura Anual	Cr.\$ 400,00
		» Semestral	» 220,00



Por mais de uma vez temos recebido, em devolução, números de «O CLARIM» e da «REVISTA», com o carimbo do Correio de destino : - MUDOU-SE - NÃO RECLAMADO.

Para evitar que tal aconteça, pedimos encarecidamente aos assinantes dessas nossas publicações para que, quando mudarem de residência, nos comunicarem o novo e o antigo endereço - CIDADE, RUA, NÚMERO e CAIXA POSTAL, se tiver, pelo que ficaremos sumamente gratos.



ANO XXXIX — E. S. Paulo — Matão, 15 de Janeiro de 1964 — NUM. 12

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabiliza pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR-RESPONSÁVEL : *José da Cunha*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto, n. 780 — Oficinas : Rua Rui Barbosa, 1070

NATAL



ÔDA a Cristandade festeja o nascimento daquele que veio ao Mundo trazer a palavra divina, e que a cimentou no coração humano pela prédica, pela doçura, pelo exemplo e pelo martírio.

Diz-se que êle veio salvar a humanidade. Bem diferente é o conceito que fazemos desta salvação. Bem diverso é o modo por que a encaramos.

Até então acreditou-se, ou ainda acreditam muitos, num processo mecânico : Cristo viria salvar-nos pelo derramamento de sangue. Foi o sangue derramado na Cruz que remiu a humanidade.

Êsse meio cruento é inconcebível para os que não abdicaram do direito de raciocinar. Nem êle faz parte de nossos ensinamentos doutrinários.

A imolação do Cristo para a nossa salvação deve ter a sua origem nas velhas crenças do sacrifício.

Nas nações primitivas, nos povos atrasados, e comumente nas tribos selvagens, havia os sacrifícios de animais e até de seres humanos. Para agradar à Divindade tirava-se a vida. Os Anais estão cheios com as descrições dos mais trágicos fatos. Não só os animais eram lançados ao fogo ou abatidos. Jovens, velhos, e sobretudo virgens e crianças eram sacrificados para aplacar as iras dos deuses ou fazer com que êles concedessem certos favores.

Tais idéias, provenientes de uma formidável mistura de maldade e ignorância, é que se teriam infiltrado nas mentes, e então as introduziram na fulgente epopéia messiânica, com os absurdos e as reminiscências de hábitos selvagens.

O Gólgota deixou apenas patente a grosseria dos sentimentos, da época, a impiedade das criaturas, o medo dos que se supunham fortes, e que se aproveitaram da situação para se livrarem daquele

que supunham o inimigo. Mas o o sangue derramado do Justo veio apenas dizer-nos o que é o homem na sua ignorância.

Não foi aquêlê sangue que nos salvou, senão o Código que êle trouxe à humanidade sofredora e à humanidade pecadora. Foram as leis morais que procurou insculpir nos corações. Foi o devotamento que demonstrou na sua peregrinação, parecendo insensível aos trabalhos, ao cansaço, ao exaurimento, aos motejos, aos apôdos. Foi, enfim, a serenidade com que encarou o madeiro, sem que aquêlê tremendo suplício apagasse em seus lábios a palavra do perdão, que neles sempre se via na sua longa trajetória, quando procurava consolar e regenerar.

Buscou salvar-nos pelo verbo, pela oratória, pela pregação. Buscou salvar-nos pelo exemplo, pela ação. Buscou salvar-nos mostrando a resignação diante da morte, e a ausência de rancores diante do inimigo. Buscou salvar-nos mostrando

que a existência não se resume nos sofrimentos de uma vida, e que para além dessa vida, há as recompensas e a felicidade que o Pai reserva para aos que bem souberam cumprir a Lei.

Dia de festa é inegavelmente o Natal. Não para que sacrifiquemos vários sêres em banquetes pantagruélicos. Não para que aproveitemos a data, dando expansão aos nossos imoderados apetites; para que a transformemos em festa pagã, com muita comedoria, muito sarambeque e nenhuma religiosidade. E quase sempre também muita bebedoria, não sendo difícil que em tão solene momento, estoirem conflitos, e a desordem, a agressão, o ódio sejam o remate de uma reunião onde se comemora o advento da Fraternidade.

A verdadeira homenagem que se pode prestar ao Cristo, no dia de Natal, é dar demonstrações daquilo que Êle recomendava aos seus discípulos — Amai-vos uns aos outros como eu vos tenho amado.



É Ingênua a Tese Materialista das

«Materializações Mentais»

Era nosso propósito, neste mês, entrarmos noutra doutrina. Mas, prossigamos ainda na seqüência do trabalho anterior, dissecando argumentos pretensamente científicos, dos nossos opositores materialistas.

Como bem se tem visto, embora tais argumentações negativistas não tenham prevalecido diante das provas científicas dos fatos espíritas, nem por isso deixam de merecer nossa atenção, sempre que se revelam trabalhadas e de propósitos honestos. Mas, quando se trata de teses dogmatizadas, portanto não trabalhadas, dispensam nossos cui-

dados no setor da ciência, onde a discussão exige esclarecimento de trabalho analítico.

Entretanto, destas, há uma, a tese das materializações mentais, para a qual voltamos nossa atenção, dado o cientificismo aparente com que se pretendeu apresentá-la, a cujo motivo, um silêncio absoluto de nossa parte, poderia ser interpretado como se estivéssemos com falta de elementos científicos, para contraditá-la. É verdade que já cuidamos desta questão, na Revista de Agosto de 1962. Mas naquela ocasião, como dispúnhamos apenas de algumas linhas para

discorrê-la, pois num mesmo artigo deveríamos tratar de vários assuntos exigidos pelas condições do momento, ali deixamos a tese muito resumida, sem possibilidades de melhores esclarecimentos. Dâi o nosso propósito em repetí-la, sem pretendermos molestar os seus formuladores, mas com o objetivo de favorecer, dentre os nossos leitores, aquêles a quem não pudemos dar com a necessária clareza, a nossa defesa exposta naquela oportunidade. Contudo, ainda assim, não temos a pretensão de livrar o tema de tôda sua complexidade científica, aos leitores estranhos às questões restritas no campo da ciência. Mas, com mais espaço agora ao dispôr, a razão, ou por uma ou por outra forma, não deixará dúvidas ao entendimento geral dos nossos leitores.

Começemos com a questão, desde o seu início histórico.

Logo após Kardec, quando alguns célebres sábios passaram a investigar os fenômenos espíritas, sob o rigor dos laboratórios, de início, ao comprovarem os fatos, não faltaram as primeiras hipóteses introdutivas, para se esclarecer o mecanismo da novidade científica, com o objetivo de se apurar a origem do sêr intelectual materializado. As proposições sem resistência da ciência filosófica ou positiva laboratorial, ficavam relegados ao desprezo. Entre estas, no caso das materializações espíricas, houve uma conjectura, a qual se dizia da exteriorização do pensamento, plastificando formas ponderáveis, daquilo que estaria sendo imaginado pelo médium. Logo, um fantasma concretizado não seria um ser de outro plano de vida, o espírito, mas a plastificação de alguma substância mental, que teria saído do cérebro do médium, com forma e pensamento daquilo que êste estaria mentalizando, no momento da sua atividade mediúnica.

Tal hipótese, revelando-se arbitrária, não foi além de um nobre esfôrço teórico, para colaborar no descortinamento dos fatos. Póis, pela forma como se desenrolavam os acontecimentos mediúnicos, tal conjectura, logo de início, revelava-se visivelmente incompatível com os postulados analíticos da ciência. Daí então, ao se verificar insustentável, não ter sido, entre outras, considerada pelos pesquisadores, e abandonada

até por quem a teria imaginado, como colaboração de princípio. Seria um contra-senso prestigiar uma hipótese, que se desmentia diante dos maís leves contatos introdutivos da análise científica.

Não havia dúvida de que as entidades materializadas que se declaravam de outro plano de vida, para se tornarem visíveis aos nossos sentidos, utilizavam-se de uma substância, o ectoplasma, exteriorizada do corpo do médium, o qual, com essa perda, durante a sessão, acusava diminuição de seu pêso. Essas exteriorizações ectoplásmicas, mostrando-se tangíveis ao contato, e jorrando até pelas pontas dos dedos, conforme se fotografou, já contraditavam por si só, a tese das materializações mentais, pois, neste caso, a substância, se fôsse mental, deveria sair da região do cérebro, na cabeça do médium, e não dos dedos ou de outras partes corporais.

Mas nem tanto seria preciso, para se demonstrar a nulidade dessa hipótese das materializações mentais. Bastava o simples fato das entidades deixarem informes ou documentações escritas com outros gêneros intelectivos, desconhecidos do médium, e até dos assistentes, como seriam as produções em línguas estranhas, para se conceber tratarem-se de outras personalidades inteligentes, independentes dos pensamentos do médium.

Por certo, o agente mediúnico não poderia estar mentalizando questões fora do alcance do seu conhecimento.

E assim, a frágil hipótese, sem resistência ao mais leve sôpro da observação analítica, ficou sepultada, logo no seu nascedouro.

No entanto, apesar dos anos, últimamente, surgiram tentativas por parte de alguns opositores, interessados em recuperá-la, colorindo-a agora com aparência científica, talvez mais para dar descanso à velha tecla da fraude, argumento êste que já se tornou ridículo, diante do testemunho dos sábios, irrefutáveis pela sua capacidade e idoneidade. Contudo, o retoque, da falida conjectura, dando-lhe uma nova base, pretensamente científica, surge com discricção, revelando certo temor dos seus autores, desconfiantes da sua própria ousadia, ao valerem-se agora das ra-

dições elétricas do cérebro, registradas pelo aparelho de Cazzamalli, insinuando que seriam, no caso mediúnico, os pensamentos irradiados do médium, plastificado-se em formas de fantasmas.

Entretanto, êsses novos formuladores, que sabem das ondas cerebrais de Cazzamalli, mas não desejam conhecer o ectoplasma de Richet, não estariam sabendo que a substância das materializações mediúnicas, nem sempre seria retirada do médium, mas de outra origem. Há fenômenos em que o médium, ao invés de ser a fonte emissora, perdendo peso nessa emissão, faz função inversa, o de receptor, aumentando-lhe peso, pelo acúmulo no seu corpo de reservas ectoplásmicas, de outra origem, captada pelas próprias entidades mediunizadas.

Neste caso, se as materializações seriam plastificações mentais do médium, como então explicá-las, quando a substância plastificadora origina-se de outra fonte, que não seja a natureza humana?

Ainda assim, deixemos êsses conceitos, e vamos ao encontro dêsses atuais remodeladores daquela antiga hipótese, colhendo-os pelo mesmo caminho, por onde pretenderam valorizar sua tese, ao atribuírem às ondas elétricas cerebrais, como fator básico de que aí estaria a prova da exteriorização da matéria mental, plastificadora das materializações ectoplásmicas. Quanto ao apresentarem com certas reservas essa proposta, haveria alguma razão nesse proceder, porque se tal argumento chegasse aos ouvidos dos homens de laboratório, estaria provocando dêstes, irresistíveis gargalhadas. De fato, julgar que as ondas cerebrais, dizendo-se de natureza eletromagnética, poderiam transformar-se de imediato, em matéria de substância plastificadora, como seria o ectoplasma, é contrariar a tudo quanto vem revelando a ciência, até os dias de hoje da era nuclear.

Vamos ao esclarecimento analítico, objetivando diretamente a questão, logo pela base.

Para tanto, por um momento, vamos deixar de lado o fato já definido pelos cientistas, ao comprovarem não serem as ondas elétricas do cérebro produtos mentais, assunto êste já exposto nos últimos temas, do que não vamos

saturar os leitores, repetindo-o novamente. Portanto, sem discutirmos agora, se tais ondulações seriam ou não produtos mentais, o nosso objetivo, no momento, visa saber se essas radiações poderiam, ao sair da sua origem cerebral, deixar logo em seguida a sua forma de energia liberada, para se transformarem num brusco salto, imediato, condensando-se na forma da matéria das substâncias, modelando formas ectoplásmicas, conforme insinua-se pela tese materialista.

Lembremos que a célebre equação de Einstein, indicando os valores da conversão da matéria em energia e vice-versa, confirmou-se na prática, ao positivar-se nas experimentações de laboratório. Tal processo, revelou-se através de uma seqüência de acontecimentos, a partir desde a primeira fase, a da energia, até a última etapa, a da matéria das substâncias. Logo, a transformação da energia em matéria não se dá pelos processos ordinários, como a teriam julgado os formuladores da nova proposição materialista, ao conceituarem uma condensação vulgar, da energia irradiada do cérebro, em matéria ectoplásmica.

Com atenção, nas ondas elétricas cerebrais, vejamos como se processaria a série evolutiva, da sua conversão em matéria, propriamente dita.

Primeiro: temos as radiações, de natureza eletromagnética, na sua forma de energia, concentrada nas suas partículas fotônicas. Segundo: as partículas fotônicas, ao acharem condições favoráveis, como seriam os impactos cósmicos, materializar-se-iam em partículas primárias elementares do Universo, evoluindo para as formas de partículas secundárias, de natureza sub-atômica. Terceiro: das junções destas partículas secundárias, quando elas deixam sua condição de partículas livres, originam-se os átomos, desde o Hidrogênio, o mais simples, até os mais evoluídos, a exemplo do Urânio. Quarto: das uniões afins dos átomos entre si, quando se acham em campo propício, temos a matéria molecular, das substâncias, como seria o ectoplasma.

Como se vê, entre o primeiro fato, a energia, até o último, a matéria das substâncias, interpõe-se uma série de outros acontecimentos, exigindo condições outras, diferentes para cada eta-

ta evolutiva, antes que se complete a transformação da energia, na forma da matéria, tal qual a conhecemos.

Enfim, como julgam êsses nossos opositores, pelo conceito da passagem direta da energia para a matéria, não há essa transição compulsória, entre os dois extremos, para firmarem sua tese na falsa suposição de que as ondas elétricas do cérebro saltam para a forma da matéria, gerando o ectoplasma. Seria uma derrogação das leis evolutivas do Universo.

Portanto, mesmo que desejássemos, por um momento, contrariar a ciência, para satisfazermos essa proposição materialista, de que as ondas cerebrais seriam mentais, ainda assim, desde que se trate de energia eletromagnética, não se explicariam por elas, as materializações ectoplásmicas. Como já dissemos, de início, a estrutura ectoplásmica das materializações mediúnicas, tratando-se de substância tangível, evoluída, já teria saído do corpo do médium, com essa mesma propriedade, de matéria molecular, conforme comprovou Richet, pelo exame tátil e fotográfico, do ectoplasma, fluindo pelos dedos do agente emissor, para modelar-se, preguiçosamente, na confinção de um aposento.

Já, como se diz das ondas cerebrais, nunca se explicaria a matéria ectoplásmica, pois tais radiações, escapariam do cérebro, na velocidade a . . . 300.000 kms., não indo de imediato,

sem passar pelas diferentes etapas evolutivas, estacar numa ação brusca e compulsória, para saltar instantânea, na forma da matéria molecular. Admitir tal aberração seria contrariar em tudo, a célebre equação de Einstein, a qual tão gloriosamente marcou uma nova era, no descortinamento dos insondáveis mistérios do seio da matéria do Universo.

Concluindo diremos: tivessem sido mais prudentes os autores dessa proposição materialista, consultando antes pelo menos algum tratado elementar do assunto, talvez não teriam se arriscado nessa ingênua aventura, tão comprometedora para a intelectividade dos seus formuladores. Como tese dogmática, poderá confundir os mais simples de entendimento. Mas apreciada como valor científico, conforme pretenderam apresentá-la, estão se expondo ao ridículo, entre os estudiosos dêsse setor da ciência. Entre os sábios, teses assim formuladas, dão motivos a comentários risíveis.

E assim, para entendimento geral dos nossos leitores, aí fica a verdade, desmantelando mais essa investida materialista, desapontando os seus formuladores, que talvez julgariam ter embaraçado os espíritas, com tão ingênua tese das materializações mentais.

V. O. Casella

Av. Barroso, 378 — Araraquara — SP



ARTIGOS ESCOLHIDOS

É êste o título do «Boletim do Grupo Editorial Monismo Limitada», o qual, no n.º 7, de 1963, nos apresenta a mensagem de Pietro Ubaldi, ao 6.º Congresso Espírita, em Buenos Aires.

A contribuição de Ubaldi é para incluir-se nos seguintes textos do Temário: — «Contribuição do Espiritismo ao progresso da Ciência. — A Filosofia espírita e a civilização contemporânea. — Como conter o Materialismo. — Leis Morais. — As Ciências Sociais e o Espi-

piritismo. — Prepara o Espiritismo uma nova civilização?»

A resposta a êstes pontos acha-se contida em 20 volumes da autoria do mensageiro, e desenvolvida em 8.000 páginas, que representam 33 anos de árduos trabalhos; e agora, na oportunidade do novo Congresso Pan Americano, êle oferece à apreciação dos congressistas, como um meio de reparar as deficiências doutrinárias do Espiritismo.

Aproveitamos, para maior esclarecimento da questão, a síntese apresenta-

da por Herculano Pires, no que toca às aludidas falhas, e que, por nosso turno ainda condensaremos :

«1 — O Espiritismo estacionou na reencarnação e no mediunismo. 2.—Não possui um sistema conceptual completo, e daí não ser levado a sério pela cultura. 3. — Sua filosofia é limitada, não dá a visão do Todo, nem abrange todos os momentos da lei de Deus. 4. — Não construiu uma ideologia científica que preenchesse as lacunas do Catolicismo. 5. — Corre o perigo de ficar parado em Allan Kardec.»

A nossa admiração por Pietro Ubaldi sempre foi grande. Admiração pelo seu valor intelectual, por sua perseverança, pelo seu idealismo, pelo seu indefesso esforço em tão magno problema, pelo seu prolongado e exaustivo trabalho.

Que se nos permitam, entretanto, algumas observações, no presente caso.

Dir-se-ia que o ilustre escritor, filho de uma terra que nos deu o inesquecível Ernesto Bozzano, não sabe ainda o que é o Espiritismo, ou como êle se forma.

Espiritismo é doutrina dos Espíritos. E' dos Espíritos que nos vem o ensino. Por maneira que a nossa função é colher o fruto que nos apresentam. Não é o lavrador que produz o vegetal. Êle apenas amaina a terra, prepara-a, rega-a, semeia, sega, aduba e recebe o produto como a natureza o dá. Quando muito seleciona.

O nosso papel humano é o da colheita, o da crítica, o da análise, para aceitar o que fôr bom; o da prova, para mostrar a autenticidade do fenômeno; o da propaganda, não por espírito sectário, senão por sentimento altruístico, a fim de que todos beneficiem da colheita.

Assim, não duvidamos que sejam magníficas as idéias de Pietro Ubaldi; mas, não emanando dos Espíritos, não pode ser doutrina espírita, e conseqüentemente não podem ser encorporadas ao nosso corpo doutrinário. Serão preciosos comentários, apenas.

«O fato — diz Ubaldi — é que o Espiritismo ficou mais ou menos estacionário na sua fase de origem, limitado a dois pontos principais: a teoria da reencarnação e o fenômeno mediúnico.»

Mas nem podia sair daí. Nem podia ser por outra forma. Porque isso é tudo. E êsse tudo é o todo, e êsse todo é a imensidade!

Sem o fenômeno mediúnico não há Espíritos e sem Espíritos não há Espiritismo. A própria reencarnação, como ensino espírita, origina-se do mediunismo.

Não cremos que o ensino tenha ficado estacionário. A tese ampliou-se. O que aí está é a estrutura, é o necessário para o nosso progresso espiritual. Bastava isto.

Qual a finalidade do Espiritismo? Encaminhar-nos, pelo Bem, para a felicidade. Se conseguíssemos demonstrar ao Mundo que nada valem as paixões terrenas, os gozos efêmeros da Terra; que a verdadeira conquista é a da paz espiritual, e que esta só se adquire pelo aprimoramento do caráter, pela reforma de nós mesmos, já teríamos conseguido uma obra gigantesca, e para ela não são necessários elementos além dos que dispomos.

Imagine-se conseguíssemos vencer as barreiras do preconceito, das idéias arraigadas, das prevenções religiosas e científicas, da presunção e da ignorância, do atraso racial e do orgulho intelectual, e pudessemos ainda convencer a tôda a gente que existem outros planos, outra vida; que a morte não é o fim; que as nossas falcatruas não se apagam; que iremos pagar caro os males que tivermos produzido; que a lei é inexorável para o delinqüente, que não há fugir-lhe, quaisquer que sejam as promessas que nos dêem; se pudessemos levar êsse ensino a tôda a parte e a tôda criatura, e com êle a reforma do ser, teríamos feito uma obra ciclópica, que talvez nem a pudessemos abarcar com a nossa imaginação.

Mas isto é trabalho para muitos séculos, e para êle já seria mais que suficiente o nível de Allan Kardec.

Fala-se hoje muito em ultrapassar Allan Kardec ou em Kardec ultrapassável, como se o Kardec que aí está não fôsse êsse monumento inderrocável, só por si, capaz de trazer ao nosso planeta a paz, a solidariedade, a fraternidade e a vida, tão ameaçadas na hora presente pela falta de descortino, para não dizer pela loucura que avassala tantos

cérebros. E o pior é que são êsses cérebros que dirigem a humanidade.

*

Declara o escritor que «uma religião para se manter viva não pode permanecer cristalizada na repetição do que foi dito, estacionária no ponto de partida.»

Conforme. Já nos ensinava Kardec que teríamos que evolver acompanhando a Ciência. Logo, a evolução é princípio doutrinário. Não irá ela, porém, a galope, ou não seria evolução, e o próprio escritor o diz: «A verdade é um conhecimento relativo em evolução... a verdade é conquista contínua...»

Mas só se pode passar para uma segunda classe, completada a primeira; só se passa para o degrau seguinte, vencido o anterior. Ora, o Espiritismo ainda está abrindo caminho através de vicissitudes, de tropeços de toda a ordem. Aqui esbarra com a incredulidade e lhe negam os fenômenos; ali vai se chocar com o velho edifício religioso, e se vê seteado de anátemas; mais adiante é a corporação científica que se ergue e o procura esmagar, sob a avalanche dos

mais exdrúxulos e incompreensíveis nomes, e de teorias em correspondência.

Faz-se mister dominar tudo isso primeiro.

Portanto, antes do mais, é preciso firmar a verdade espírita, estabelecer-lhe a autenticidade, trazer-lhe a prova. Depois propagá-lo, espalhar as luzes da sua moral, deixando claras as bases em que ela se assenta.

Imagine-se o esforço, quase inacreditável, que será o de levar ao coração humano, o que a plêiade de Espíritos Superiores, por ordem do Cristo, trouxeram ao Codificador, afim de libertar-nos das vidas mergulhadas no crime e na desgraça!

Êsse desiderato já seria suficiente para causar vertigens.

Em suma, dos «limites dos dois assuntos» não poderemos sair, sob pena de fugir da nossa órbita. No mais, bracejamos num terrível pélogo, e libertar-nos é o fim precípua a que nos dedicamos na hora atual.

E êste programa é imensurável!

Carlos Embassy

Profundamente Extranhável

Arnaldo S. Thiago

«Tudo tem o seu tempo determinado, e todo propósito debaixo do céu tem o seu tempo», adverte o mais célebre dos pregadores, no Livro do Eclesiastes, entre muitas outras considerações aduzindo a de que «há tempo de nascer e tempo de morrer; tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou...»

Assim ocorre debaixo do céu, isto é, no mundo material em que vivemos, porque em cima, isto é, no céu, na vida espiritual, tudo é permanente e eterno.

A História, grande mestra da vida, como a chamou alguém que muito versou tão empolgante disci-

plina, mais movido por alto senso filosófico do que por simples registro de acontecimentos, confirma admiravelmente as advertências do Pregador: plantou a cupidez humana, por entre o bom trigo das leiras do Cristianismo, maldito joio cuja semente se originou do orgulho e de interêsses mesquinhos; a revolução das idéias, que se chamou enciclopedismo, foi encarregada de arrancar todo êsse condenável joio; mas, cumprida a sua missão, permaneceu indiferente às coisas do Espírito, pois somente lhe interessavam as da materialidade contingente, à qual todo o seu esforço cultural aplicou-se, por entre

guerras e devastações periódicas.

Com o Espiritismo, os tempos chegaram da implantação dos elevados princípios do Cristianismo, que deixaram de ser militantes no mundo, sob o signo da civilização materialista, nesta admirável, não completa, porém, civilização a que acabamos de aludir. Afirmou-o, por isso, o Codificador, ao inscrever em «A Gênese», um dos livros básicos da Doutrina, aquela expressão lapidar: «O Espiritismo e a Ciência se completam reciprocamente; a Ciência, sem o Espiritismo, se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a Ciência, faltariam apóio e comprovação».

As perspectivas que se desdobram diante da inteligência tão desenvolvida do homem atual, mediante o influxo trazido pelo Espiritismo à hodierna cultura, são maravilhosas em sua amplitude, em sua luminosidade, em sua beleza: porque desprezar, portanto, o concurso dessa força propulsora do progresso da humanidade, se a Ciência só por si não tem meios de resolver o problema da felicidade na terra?

Não estarão os preceptores da juventude, ministrando-lhe apenas os ensinamentos da Ciência, desacompanhados do influxo do Espiritismo, incorrendo num dos graves delitos por omissão, que a lei moral especifica para os homens que

dispõem de livre e esclarecida consciência?

Creemos que sim, pois os transviamentos da juventude decorrem da sua incapacidade moral de dar boa e superior aplicação aos conhecimentos científicos ou técnicos que nas escolas adquire, ou que assimila, por infiltração natural das idéias em todos aquêles que freqüentam ambientes de adiantada cultura.

Se a Ciência tem contribuído poderosamente para o aperfeiçoamento intelectual da espécie humana, a verdade, contudo, obriga-nos a afirmar que todo êsse esforço de aperfeiçoamento induz unicamente os homens à procura extenuante do bem-estar, de uma fementida ventura que não raro se contamina de vícios e flagrante imoralidade. Decorre êsse estado de coisas do facto de ser materialista a Ciência.

Sob o influxo do Espiritismo, ascende a cultura a objetivos de eterna consecução, concitando-nos à delicadeza de sentimentos, à elevação moral, como fatores de elevada estesia, de imarcescível alegria que sòmente pode ser obtida nos altiplanos da Espiritualidade—o que é do máximo interêsse para todos os homens.

Lembrei, por êsses motivos, ao Dr. Gilson Amado a introdução de um programa sobre Espiritismo na sua Universidade do Ar. Vejamos o que êle resolve a respeito.

Relação das Coleções de «Revista Internacional do Espiritismo», existentes e encadernadas:

Ano 1926	cr.\$ 1.500,00	Ano 1951	cr\$. 1.300,00	Ano 1957	cr.\$ 1.300,00
» 1946	» 1.300,00	» 1952	» 1.300,00	» 1958	» 1.300,00
» 1947	» 1.300,00	» 1953	» 1.300,00	» 1959	» 1.300,00
» 1948	» 1.300,00	» 1954	» 1.300,00	» 1960	» 1.300,00
» 1949	» 1.300,00	» 1955	» 1.300,00	» 1961	» 1.300,00
» 1950	» 1.300,00	» 1956	» 1.300,00	» 1962	» 1.300,00

Espiritismo e Religião

(Resposta ao Inquérito promovido por «FIAT LUX»)



Deolindo Amorim



Penso que o inquérito jornalístico deveria começar justamente por esta questão: «Espiritismo e Religião são conceitos incompatíveis?». Desta pergunta inicial decorreriam naturalmente outras perguntas, como estas, por exemplo: «é o Espiritismo intrinsecamente contra a Religião?»; «haverá, no corpo da doutrina espírita, alguma condenação a respeito?»; «em que ponto, em que passagem?». Em todo caso, vou dizer francamente como penso e sinto este problema, de acôrdo com as perguntas formuladas por «*Fiat Lux*». Devo esclarecer, logo no comêço, que o faço apenas por dois motivos: em primeiro lugar, por delicadeza, para corresponder ao pedido de nosso distinto confrade Ruberval Deolindo Barreto Lima; em segundo lugar, para não me omitir, pois acho que o espírita não deve ocultar as suas idéias nem usar subterfúgios, sempre que lhe peçam um pronunciamento sôbre qualquer assunto inerente à doutrina. Certo ou errado, agradando ou desagradando, o espírita deve dizer o que pensa, para não «pecar por omissão.» Não nos esqueçamos do Evangelho: «Sim, sim; não, não.»

Quero, agora, dizer uma coisa, com tôda a lealdade. Se não me pedissem, eu jamais tocaria neste assunto. Porque? Simplesmente porque já cheguei à conclusão, há muito tempo, de que quanto mais se discute, quanto mais se escreve para saber se o Espiritismo é ou não é religião, mais se complica o problema.

Tomei, comigo mesmo, o compromisso de não escrever nem fazer palestra neste sentido. Quando me perguntam o que penso, digo sinceramente a minha opinião. E não vou além disto. Pelo que já observei dentro das próprias fileiras espíritas, o assunto já está criando, em determinados casos, uma atmosfera um tanto apaixonada. Tudo isto me leva, cada vez mais, a não discutir sôbre a existência ou não de as-

pecto religioso do Espiritismo. Não se pense, porém, que a minha atitude de silêncio seja uma fuga ao estudo e à discussão desapaixonada. Nunca! Na hora em que é necessário falar, sempre falei e falarei com a maior sinceridade, acima de quaisquer injunções e também acima de tôdas as influências de amizades pessoais. Nada tem que ver uma coisa com a outra.

Tenho, para mim, pelo que já pude aprender nas próprias lições da História, que certos problemas só se resolvem com o tempo. E' necessário, muitas vêzes, que passem duas ou três gerações para que uma dúvida se esclareça satisfatòriamente. Discute-se, abrem-se algumas cisões inevitáveis, briga-se por causa de um princípio ou de uma tese controvertida e, por fim, é o tempo que se vai encarregar de pacificar os espíritos. Quantos e quantos problemas filosóficos já foram agitados através dos séculos e ficaram sem solução na inteligência humana? Diversos. Isto faz lembrar, entre outras, a velha e interminável controvérsia entre *nominalismo* e *universalismo*, como ainda o acirrado debate, que separou teólogos e filósofos a respeito do *ocasionalismo*, *providencialismo* etc. Tôdas estas questões têm as suas sutilezas.

E' natural que também haja questões ainda controvertidas no campo espírita, fora das questões fundamentais, que já constituem terreno pacífico. O problema religioso, por exemplo, é de fôro íntimo, depende muito da estrutura psíquica de cada um de nós, como depende, em grande parte, do fundo emocional, da cultura, do desenvolvimento espiritual e de vários outros fatores.

Agora, finalmente, depois de tudo isto, como introdução, passo a responder às perguntas que me foram entregues. Sei que a minha opinião não tem influência alguma na discussão, porque é uma opinião como qualquer outra.

Quer o confrade Ruberval que eu diga como penso. Está bem.

1.^a Questão : É o Espiritismo Religião ?

A palavra religião, aqui, está empregada em sentido indeterminado e, por isto mesmo, não dá margem para uma resposta objetiva. A pergunta está um tanto vaga. Se, porém, o intuito da pergunta é saber se o Espiritismo é *uma* religião, aí, sim, a questão muda de figura.

Respondo apenas assim :

O Espiritismo não é *uma* religião, porque a sua contextura doutrinária ultrapassa as religiões e, além disto, o Espiritismo não tem nenhuma característica de qualquer das religiões organizadas : corpo sacerdotal, livros sagrados, ritual etc. Está dito, na Introdução d'*O Evangelho Segundo o Espiritismo* que o Espiritismo «ESTÁ ACIMA DE TODOS OS CULTOS PARTICULARES». Logo, não poderia ser enquadrado nas limitações de *uma* religião. Entendo também que considerar o Espiritismo a Religião é dar-lhe uma elasticidade a bem dizer absoluta. Não me inclino nem para um lado nem para o outro.

Preciso e devo, entretanto, definir-me, para que não fique a menor dúvida a meu respeito : embora o Espiritismo não seja *UMA* religião, e êste ponto já está mais do que esclarecido, EU ACEITO O ASPECTO RELIGIOSO DO ESPIRITISMO. Penso, com isto, que o meu pensamento fica bem claro. Em que consiste, porém, êsse aspecto religioso do Espiritismo ? O aspecto religioso, no meu modo de ver, é o que concerne ao nosso comportamento perante Deus. Pela filosofia, a doutrina espírita nos leva à compreensão da existência de Deus e de sua suprema justiça. Tudo isto, no entanto, é ainda especulação ou racionalização pura. Quando, porém, começamos a tomar certas atitudes ou adotar certas normas íntimas, em função da crença em Deus, que passa a ser, para nós, uma convicção e não mais um ponto de fé, naturalmente nós assumimos uma posição de respeito, que se traduz em atos conscientes. Então, êste conjunto de atos é o que caracteriza o aspecto religioso do Espiritismo, segundo penso. A prece, porventura, não é um ato de louvor ou de reconhecimento ? Não é pela prece que procura-

mos entrar em relação mais forte com Deus ? E' nisto, portanto, que se manifesta, para mim, o aspecto religioso do Espiritismo. Se penso assim, é óbvio que aceito o Espiritismo com o seu tríplice aspecto : científico, filosófico, religioso.

Disse apenas o que penso, depois dos longos anos de estudos e meditações a que me dediquei.

Vamos à 2.^a pergunta : *Em que obra da codificação KARDEC teria afirmado que o Espiritismo é religião ?* Não encontrei, até hoje, uma afirmação taxativa do Codificador neste sentido. Entretanto, Allan Kardec também não disse que o Espiritismo não tem uma faceta religiosa. Nem mesmo no célebre discurso de 1868, a que se refere a 3.^a pergunta, implicitamente já respondida. O que êle disse noutra oportunidade, e que todos sabem, é que o Espiritismo tem conseqüências religiosas. Ter conseqüências religiosas não é a mesma coisa que ter um culto organizado ou ser uma religião formalizada.

Kardec não deu «foros de religião» ao Espiritismo, mas também NÃO DESPREZOU O ASPECTO RELIGIOSO.

Veja-se bem que n'*O Evangelho Segundo o Espiritismo* Allan Kardec valoriza a religião, dizendo que «A CIÊNCIA E A RELIGIÃO SÃO DUAS ALAVANCAS DA INTELIGÊNCIA HUMANA». Kardec previu a aliança da Ciência com a Religião, através de uma síntese que nenhuma escola filosófica jamais conseguiu realizar. Ora, se Kardec não tivesse dado importância ao lado religioso da vida ou se pretendesse condenar a religião, claro que não teria preconizado esta síntese, que será, na realidade, a maior síntese do conhecimento humano, quando tudo ficar suficientemente esclarecido. Quando ? Ainda não se sabe...

Se, conseqüentemente, a doutrina espírita não tivesse uma preocupação religiosa, sem prejuízo das outras preocupações capitais, não teria colocado a concepção de Deus no primeiro ponto de suas indagações. O aspecto religioso do Espiritismo nada mais é do que as aplicações desta concepção fundamental da doutrina. Além de tudo, é preciso não perder de vista que o Espiritismo não criou moral nova, porque esposou inteiramente a moral do Cristianismo. (Questões 625, 627, do *Livro dos Espi-*

ritos.) Se, portanto, o Espiritismo viesse à Terra para desprezar completamente a cogitação religiosa, teria, a seu turno, deixado de lado o Cristianismo. No entanto, a doutrina chega a dizer que «O Espiritismo vem realizar as promessas do Cristo» («Evangelho Seg. Espiritismo») cap. XXIII n.º 111. Todos nós sabemos que o Espiritismo não é nenhum apêndice, nenhum ramo do Cristianismo, porque é uma doutrina independente e universalista. Não há realmente vinculação hierárquica entre Espiritismo e Cristianismo. Note-se bem: vinculação hierárquica, pois o Espiritismo não é uma seita cristã, nem saiu de nenhuma dissidência religiosa. Entretanto — e êste ponto é importante — a doutrina espírita *ESTÁ NA MESMA LINHA IDEOLÓGICA DO CRISTIANISMO*. Não é questão de simples coincidência, é uma identificação conceitual, pois a moral espírita não é outra, senão a própria moral do Cristo.

O Cristianismo foi desfigurado pelos homens e pelos movimentos sectários. É um fato histórico. Mas ficou o espírito do Cristianismo, acima das religiões. O espírito do Cristianismo está em sua MENSAGEM, que é universal e permanente. Sem ser uma seita cristã, sem ser *uma* religião a mais, o Espiritismo procura restaurar o legítimo Cristianismo, interpretando o Evangelho segundo o espírito. É o que está no corpo da doutrina codificada por Allan Kardec:

Longe de negar ou destruir o Evangelho, o Espiritismo vem, ao

contrário, confirmar, explicar e desenvolver os pontos obscuros do ensino cristão. («A GÊNESE», de Allan Kardec, cap. I n.º 41.)

Creio que já disse o suficiente para esclarecer o meu pensamento. Devemos procurar viver a doutrina, evitando a cristalização de um Cristianismo mais devocional do que renovador, mais estático do que dinâmico. Que o Espiritismo não é nem poderia ser *mais uma religião*, está claro, e evidente; que o Espiritismo não pode nem poderia amoldar-se a uma igreja cristã ou a qualquer forma de culto convencional e exterior, é uma verdade tão notória, tão compreensível que já dispensa explicações. Daí, porém, não se pode chegar à negação absoluta do aspecto religioso. Existe uma preocupação religiosa no Espiritismo, desde que entendamos esta preocupação no sentido de nos ajustarmos cada vez mais às leis divinas pelo exame de consciência e pela modificação constante de nosso procedimento perante o supremo Autor do Universo: DEUS. Repito o que já disse no começo: só entrei neste assunto porque fui solicitado. Sei que ainda haverá muita discussão a êste respeito, mas também sei que um dia (não se sabe quando) a luz brilhará em tôdas as direções e, assim, não haverá mais razão para polêmicas.

Aqui está, meu confrade Ruberval, a resposta ao seu questionário.

Transcrito de «FIAT LUX», de Novembro de 1963—Rio—GB.

Programa Mínimo e Imediato a ser Cumprido pela C. E. P. A.

A presidência da Confederação Espírita Panamericana, considera um dever moral e doutrinário por-se em relação com todo o movimento espírita continental adeso ou não à CEPA, e informar quais são os princípios superiores que servirão de norma à existência da mesma e o plano de trabalho mínimo e imediato a ser desenvolvido durante o presente triênio, correspondente à sua sede na República Argentina.

Como o VI Congresso da CEPA, a atual presidência da Confederação Espírita Panamericana coloca sob a defesa do AMOR a existência e destino presentes do organismo Continental, prometendo que unicamente e sempre dentro dêsse govêrno maior, desenvolverá suas funções, cumprirá seus objetivos e traçará todo o novo esquema de realizações.

Por isso mesmo toma, como divi-

sa de atuação, o luminoso pensamento de Allan Kardec, expresso em decisiva circunstância pelo Mestre e que regulou toda a sua realização doutrinária, inquestionavelmente fecundo e ainda não superado: TRABALHO, SOLIDARIEDADE E TOLERÂNCIA.

O TRABALHO será a tônica distintiva da atual CEPA: Sem tréguas, com persistente energia, plena consagração, trabalhará para dar cumprimento a todos os objetivos a que der nascimento. A presidência exigirá de si e de quantos irmãos constituem seus Conselhos Executivo e Federal, o trabalho permanente, sem desfalecimento, para possibilitar na América o advento da Nova Era, de base espiritual.

A SOLIDARIEDADE será procurada insistentemente pela CEPA entre todos quantos a compõem e ainda pelos que ainda permanecem fora dela. Fará compreender que a falta de solidariedade atenta permanentemente contra a unidade do movimento e se opõe à concretização dos altos postulados do Espiritismo. Além disso, a SOLIDARIEDADE fomentará o verdadeiro sentimento de fraternidade entre todos os países e seus povos, aproximando-os uns dos outros, fazendo surgir a compreensão de que a soma das partes dão a idéia real que constitui o Todo, e que, na consecução dêsse Todo cada parte necessita realizar em particular o seu esforço. A Unidade, base de toda harmonia e fraternidade universal, será possível com a solidariedade como sentimento de ação e urgência viva e íntima de todo o ser humano.

A TOLERÂNCIA regerá todo o pensamento e toda a conduta da CEPA em seu alto desempenho de promover a divulgação da idéia espírita no continente e a unidade entre todos os esforços tendentes a este fim. Tolerância, real, efetiva, entre todos os espíritas. Reconhecimento das características regionais na interpretação e condução do movimento espírita. Unidade no básico, no fundamental doutrinário, respeitando idiosincrasias, culturas, regionalismos, étnicas e antecedentes raciais e religiosos, etc. O mestre Kardec assinalou certa e luminosamente a necessidade da tolerância, não só para com os que, de fora, por causas diversas, atacam ou ne-

gam o Espiritismo, mas também para com os que, estando de dentro, e admitindo ser espíritas, oferecem divergências em questões de doutrina, de conduta, de direção e método.

Trabalho, solidariedade e tolerância, serão a divisa orientadora da atual CEPA, e da qual não se apartará em nenhum momento, fiel ao pensamento do Codificador e de seus seguidores, dentro de um Ideal que tão magistralmente interpretara e do qual foi leal apóstolo.

O Espiritismo, o grande reformador da humanidade, educador e realizador do homem novo para uma sociedade nova, não pode alcançar uma tão alta aspiração, uma tão revolucionária modificação moral do planeta, senão através do AMOR em primeiro lugar, e pelos caminhos do Trabalho, da Solidariedade e da Tolerância, depois.

A CEPA inicia assim seu novo triênio na Argentina a serviço de tão supremos ideais.

Programa Mínimo e Imediato a Cumprir

Representação, direção e defesa do Espiritismo na América

A CEPA procurará, em todos os momentos, ser reconhecida como a representante oficial de todo o movimento espírita na América, e, sendo assim, assumir a direção do movimento doutrinário dentro da concepção kardeciana, tomando a defesa do Espiritismo em qualquer lugar do continente onde seja atacado, perseguido ou submetido a restrições ou escárnio (Art. 2.º dos Estatutos).

Promoção, organização e unificação

A CEPA promoverá o Espiritismo em todos os países em que seja ignorado ou se encontre em estado incipiente ou disperso, procurando sua organização de acordo com os modelos que oferecem as nações onde o Espiritismo tem alcançado forte desenvolvimento, em benefício espiritual dos seus habitantes. Igualmente, promoverá a unificação nos diversos países em que o movimento se enfraqueça por falta de unidade, ao

mesmo tempo em que trabalhará pela unificação do Espiritismo no continente, dentro da CEPA (Art. 4.º, inc.a e c, dos Estatutos.)

Difusão

A CEPA realizará uma metódica e persistente tarefa de difusão do Espiritismo na América, usando das vias da palavra escrita e falada, como também pelo exemplo de suas grandes obras sociais.

Pela palavra escrita usará do livro, do jornal, do folheto, etc., pela palavra oral, usará das conferências e outros veículos de difusão falada, rádio, TV etc.; pelo exemplo, mostrando quanto se haja feito na América, socialmente, em nome do Espiritismo (Art. 4.º inc.a, dos Estatutos.)

Revisão

A CEPA será propensa à revisão dos pontos doutrinários que novos avanços do Saber, da investigação espírita, nos ensinamentos dos Espíritos, obriguem. Isto se fará nos momentos especiais fixados pela Carta Orgânica da Cepa (Art. 4.º, inc.b, dos Estatutos).

Intercâmbio

A CEPA, segundo acórdos do VI Congresso e determinações de seus Estatutos, promoverá o intercâmbio de irmãos entre países diferentes, afim de suscitar a controlação e consolidação da doutrina nos aspectos da cultura, da investigação, das realizações sociais. Estas visitas serão financiadas pelo Tesouro da CEPA, quando disponha de recursos, ou com o auxílio das Federações filiadas, ou com donativos recebidos para êste fim.

A CEPA promoverá o intercâmbio de livros, publicações e todo material de interesse doutrinário ou que atenda aos objetivos da unidade do movimento espírita na América.

Organismos americanos e internacionais

Coerente com seu caráter representativo do movimento espírita da América, a CEPA promoverá sua vinculação à Federação Espírita Internacional.

Igualmente promoverá gestões próprias no sentido de conseguir seu reconhecimento pela OEA (Organização dos Estados Americanos), e pela UNESCO, como entidade ao serviço da cultura pertencente à ONU (Organização das Nações Unidas) (Art. 2.º dos Estatutos).

Destino Espiritual da América

A CEPA interpretará e realizará o destino espiritual da América, que é o do Amor, da Justiça, da Verdade e da Luz. Reconhecerá o mandato espiritual da raça, e segura de que a América é um continente reservado para um grande cometimento humano e espiritual, — e tal afirmação pertence a um elevado Espírito—está destinada a «receber o cetro da civilização e da cultura na orientação dos povos do porvir (*), e a CEPA será o instrumento desta sublime realização.

Acórdos do VI Congresso

A CEPA levará para a prática, tôdas as decisões tomadas no VI Congresso Espírita Panamericano.

No âmbito argentino

A CEPA, além de sua ação mantenedora e metódica no âmbito continental, na ordem nacional trabalhará incansavelmente para que todo o movimento espírita da Argentina saiba de sua existência, não apenas nominal mas, principalmente, viva e realizadora. Visitas, conferências, cursos, cátedras do livro, de jornalismo, de história e cultura americanas, serão demonstrações permanentes de uma ação idealista fundada nos objetivos da CEPA.

América Espírita

A CEPA procurará editar e manter, periodicamente, seu órgão oficial «América Espírita», tal como foi sancionado no VI Congresso.

Tal é o PROGRAMA mínimo e

(*) *A Caminho da Luz*, por Emmanuel. Edição FEB, Rio de Janeiro, 1945.

imediate que elabora e promete levar a cabo a presidência da CEPA, com o concurso decidido, entusiasta e fraterno de quantos a compõem nos Conselhos Executivo e Federal, de forma a que o próximo VII Congresso Espírita Panamericano a celebrar-se na cidade de Caracas, 1966, receba um legado de realização espírita fundamentalmente ao serviço do cumprimento do destino espiritual reservado a nossa América, terra de Amor, de Luz, de Justiça, inspirada e nutrida pelo Espírito da Verdade.

Natalio Ceccarini

Presidente da CEPA.

**Confederação Espírita Panamericana
C. E. P. A.**

Conselho Executivo—Triênio 1963-1966

Presidente : Natalio Ceccarini ; Vice-presidente : Dante Culzoni Soriano ; 2.º Vice-presidente : Umberto Mariotti ; Secretário Administrativo : Luiz Di Cristóforo Postiglioni ; 1.º Secretário : Dra. Hebe Mariotti ; 2.º Secretário, Antonio Melo ; Secretário de Finanças : Romeo Molfino ; Sub-secretário de finanças : Cesar Bogo ; Secretário de Assuntos Legais : Carlos L. Chiesa.

Sede : Sanchez de Bustamante, 463
Buenos Aires. República Argentina.



 **As Artes de Perder o Tempo** 

«Todos os tempos tiveram óti-
«mos sacerdotes; todavia, êles foram
«raros e a maioria cedeu às tenta-
«ções da malícia, da ambição e da
«concupiscência; aliás, bom é o não
«dizer nunca que as religiões foram
«nocivas à sociedade, porquanto, em
«princípio, tôdas elas são boas; tôdas
«encaminham o homem para a abs-
«tenção dos vícios todos; que os seus
«ministros não lhes obedçam os man-
«datos, já é bem outra coisa; entre-
«tanto o divino preceito sempre é
«grande. Tomai o exemplo da vossa
«liberdade; sempre dizeis que a vos-
«sa liberdade é a vida mesma, por-
«que ela é ordem e harmonia. Porém!
«quanto sangue e quantos crimes a-
«conteceram no seu nome!! Quantos
«povos estiveram na escravidão! Assim,
«do mesmo modo, as religiões foram
«tela incendiária, mesmo tendo sido
«criadas para pacificar e harmonizar
«as diversas raças. Os sacerdotes ti-
«veram nas suas mãos a felicidade do
«mundo, todavia foram homens su-
«jeitos a desejos e caprichos e deixa-
«ram-se seduzir **CAINDO NA TEN-**
«**TAÇÃO** e, raros, raríssimos, aquêles
«que souberam fazer jus a seu dever.»

(Do Livro «AS MEMÓRIAS DO PADRE GERMANO», Edição Kier, Buenos Aires.)

Que possam servir essas frases, re-
produzidas do livro referido e conferi-

das por Amália Domingo Soler, para os nossos escritores e publicistas refletirem. Fazem já alguns decênios que a nossa imprensa discute entusiasticamente sôbre se o Espiritismo deve ou não deve, ser religião. Aquêles de nós que estudamos o mestre Kardec, Leon Denis e mais outros vultos espíritas, ficamos surpresos perante as artes de perder o tempo, sem benefício para ninguém. Kardec plantou a premissa de que o Espiritismo é, A RELIGIÃO, uma vez que integra tôdas as religiões do mundo; pelo exposto acima a doutrina tem derivações religiosas.

De nossa parte, acreditamos, com sinceridade, que essas lides anti-religiosas, essas polémicas às vêzes ardorosas, não beneficiam nem honram a nossa causa. Ao contrário, a prejudicam, semeando tácitas antipatias, deixando o Espiritismo de ter um imã de atração, transformado assim em imã de repulsão. «Terão esquecido êsses irmãos que se degladiam, válidos de palavras adocicadas à clara explicação de Kardec quando afirma que «O Espiritismo não combate crença nenhuma, mas é um convite para o estudo?»

Não seria bem mais benéfico começarmos a fazer o estudo comparativo das religiões sem perder o tempo estèrilmente e, sobretudo nos dedicarmos ao valioso assunto relativo a evolução da alma, às ciências morais, a transcendente importância que reveste o perispírito na caminhada da eternida-

de, à psicologia clássica e à psicologia supranormal, às diversas faculdades mediúnicas, os médiuns mais capacitados e às suas admiráveis funções, ao poder do pensamento e às artes de empregá-lo, o magnetismo, como co-ajudante do Espiritismo, à harmonia nos lares, os vícios do fumo do álcool e da carne, enquanto fatores negativos para a evolução humana e o seu aperfeiçoamento, o melhor método para combater o egoísmo, as consequências da luxúria, as causas determinativas da teratologia, visando muitos outros conhecimentos realmente úteis para o nosso progresso?

Achamos que os adeptos do Espiritismo devem ter uma certa cultura geral ou, pelo menos, a noção rudimentar dela; é principalmente dever desses espíritas aprofundar os livros cardécianos e os de seus seguidores, de se preocupar com os testemunhos que nos deixaram os sábios dedicados, que estudaram profundamente e experimentalmente as ciências do espírito. Não temos o número suficiente de médiuns instruídos, capacitados no auto-contrôle e também não temos suficientes diretores para as sessões experimentais, precisamos de muitos repórteres que esclareçam o público e bastantes oradores espiritualizados que possam na tribuna espalhar o conhecimento. Precisamos de organizadores identificados com a condução de centros e agrupamentos espíritas, precisamos da unificação da imprensa para que nas suas páginas seja propagada a doutrina da ciência e da filosofia espírita. Precisamos de tantas coisas, inclusive, de método e formas de fazer penetrar os princípios espíritas nos espíritos cheios de sede, nos espíritos da juventude capacitada para os compreender.

Devemos defender a nossa doutrina quando ela é manchada, agredida, comercializada, porém, daí a desabar fúrias que não condizem com as normas cardécistas, com a convicção «de que as moscas não se pegam com vinagre», como dizia um irmão brasileiro, existe uma enorme distância. Os que se valem do agro sistema da luta, têm a absoluta certeza de que nas existências passadas não ocuparam cargos e elevadas hierarquias eclesiásticas?

E' dever nosso melhorar ao homem introspectivamente, para que, cada dia, seja menos mau, imitando ao

sr. Cosme Marinho, entre outros, ilustre espírita didático que, na sua vida física, discutiu cultamente com representantes da Igreja Católica expondo o que é o Espiritismo em seus aspectos filosóficos, científicos, morais e religiosos, sem ofender ninguém. Seus livros, nos quais se fez um intercâmbio de idéias com os oponentes, constituem admiráveis exemplos de propaganda e cultura espírita. Se nós temos a convicção de que todos somos irmãos e filhos do mesmo Deus, não temos nenhum direito de lastimar o amor próprio ou as convicções dos clérigos de tôdas as confissões, quando a sua evolução moral e psíquica não chegou ainda à madureza dos autênticos valores espíritas.

Não seria mais recomendável olhar ao nosso derredor, dentro do ambiente e clima espírita, para observar que nê-le sobram motivos naqueles que na vida privada e pública são companheiros dos irmãos que se descrestianizaram ao largo dos séculos?

Em nossas reuniões experimentais, observamos através das vidências e de respeitáveis expressões verbais, auras luminosas de modestas religiosas e também sacerdotes que tiveram o suficiente valor moral de emancipar-se estoicamente dentro de climas religiosos. Testemunhos bastantes são mencionados para não julgar nem condenar, como juizes pecadores, àquêles que se enganaram nas suas trajetórias palingenésicas. Procuremos, então, orientar a superação do homem para que êle aprenda a lutar contra as suas imperfeições e debilidades, sem desanimá-lo com negativas ou desdêns altaneiros, próprios dos materialistas, caracterizados pelo seu critério unilateral. Convidamos aos estudos das obras do Codificador, (especialmente «O Evangelho Segundo o Espiritismo») àquêles que ainda possuem um sentido rotineiro da vida, pois a tolerância nos levará à compreensão. Procuremos compreender aos nossos irmãos, seja qual fôr sua crença religiosa, ensinando-lhes que o fanatismo conduz ao extravio psicopatológico e enfêrma o corpo.

TITO L. BANCESCU

NOTA :

Traduziu, para A. P. P. E. E. M.

Adelita Laporte de Zapata

A Obra de René Warcollier

M. Lemoine

NO dia 23 de maio de 1962 desencarnou com a idade de 82 anos, um dos homens de ciência que mais largamente estudaram os fenômenos espíritas ligados à telepatia e o que melhor contribuiu para fazer conhecida sua importância: René Warcollier, presidente do Instituto Metapsíquico Internacional.

Depois de estudos secundários brilhantes, Warcollier entrou para o Instituto de Química Aplicada, então dirigida pelo ilustre Moisan, que conseguira obter, artificialmente, cristais microscópicos de diamantes. Seus alunos deveriam, naturalmente, procurar estender a outras pedras preciosas a fabricação sintética susceptível de, em caso de sucesso, revolucionar a indústria correspondente. No seu segundo ano de escola Warcollier conseguiu preparar um rubi de síntese, depois se dedicou à reprodução de safiras e esmeraldas, e chegou a descobrir um processo para a fabricação de pérolas, criando, em 1924 um nacar artificial à base de acetato de celulose. Durante a guerra de 1914-1918 inventou um método eletrolítico de obtenção do permanganato de potássio e inventou um processo de preparação do *enxôfre dourado de antimônio*, então utilizado na vulcanização da borracha. A essas realizações espetaculares reuniu uma outra, mais importante ainda, obtendo resultados excelentes num problema capital e de solução difícil: a conservação de víveres para as tropas em plena operação militar.

Não obstante, a parte mais considerável da obra científica de Warcollier está noutro terreno, no estudo da telepatia experimental, na pesquisa de suas diversas modalidades.

Em 1912 já publicara, em colaboração com seu eminente amigo, E. Duchâtel, inspetor de finanças, *Os Milagres da Vontade*, de imediato traduzido para o italiano. Em 1921 publicava, pela editora Alcan, uma obra intitulada *A Telepatia*, livro basilar, consagrado a um ramo da metapsíquica que o autor

continuara a explorar ao correr de toda a sua vida.

Nomeado para o Conselho de Administração do Instituto Metapsíquico Internacional, em 1924, Warcollier desempenhou as funções de tesoureiro de 1929 a 1938. Em 1947 era vice presidente do mesmo, sendo presidente o Dr. F. Moutier. Demitindo-se êste em 1950, Warcollier foi eleito por unanimidade. Sua obra *A Telepatia*, consideravelmente enriquecida por experiências conduzidas com o concurso de grupos de pesquisadores norte americanos, entre os quais o Dr. G. Murphy, resultou numa importante obra, *Telepatia Experimental* (N. York, Harpers, 1938). Uma sua conferência na Sorbonne foi publicada em inglês sob o título de *Mind to Mind* (De espírito a espírito).

Em 1934 havia aparecido a *Percepção extra-sensorial*, de J. B. Rhine. A idéia de Rhine era demonstrar, por experiências não mais qualitativas mas quantitativas, que a faculdade supra-normal de telepatia é mais corriqueira entre os humanos do que se pensava então. Era uma idéia sedutora sob a qual Rhine, Warcollier e diversos outros pesquisadores puderam estabelecer uma base. Entretanto convém notar que os métodos empregados não deixam de oferecer desilusões quando as experiências utilizam, como percipientes, pessoas entre as quais a faculdade de detecção telepática não existe senão em estado embrionário. O resultado ultrapassava de muito pouco o que assinala o cálculo das probabilidades, isto é a simples lei de acesso.

A telepatia, transmissão de uma agitação psíquica emanada de um vivo A (o agente) a um outro sêr vivo P (o percipiente) cujo psiquismo põe em ação, é um fenômeno constatado há muito tempo. Pode-se citar casos indubitáveis em que um viajante A, ferindo-se gravemente numa queda na montanha, pensa irresistivelmente num parente ou num amigo P, que viria em seu socorro se soubesse que sua vida corre perigo. Ora, acontece muito freqüentemen-

te que a onda ou a partícula emitida por A é percebida por P bastante nitidamente para que possa sair em socorro de A e salvá-lo. Um tal fenômeno é um caso de telepatia espontânea, e os exemplos assinalados são por demais numerosos para serem postos em dúvida. Não se trata de experiências, mas de constatações.

O mérito de Warcollier e de outros pesquisadores é ter feito o estudo da telepatia passar do domínio da observação ao da experimentação.

Não era coisa fácil, pois que a telepatia experimental corre o risco de ser confundida—e é confundida muitas vezes—com o fenômeno da *visão paróptica*.

Que é a visão paróptica? É o fenômeno supranormal da visão aparente ou real, por um sujeito sensível, de um objeto *real* existente fora do campo de visão normal desse sujeito. É, conforme A. Russel Wallace, o célebre antropologista espírita, que constatou êsse fenômeno há mais de 100 anos, um modo de percepção rudimentar pelo qual um percipiente não atinge a realidade senão de pouco em pouco. Se o objeto que êle detecta é uma medalha, não diz: é uma medalha, porém, é de metal, é redondo e chato, tem um escrito atrás, etc., A visão paróptica se aplica evidentemente também a um acontecimento que se realiza à distância, no momento mesmo da visão, e pode, excepcionalmente, ter a precisão da visão normal.

A visão paróptica, que não tem nada a ver com a telepatia, atraiu a atenção do acadêmico Jules Romain que verificou o fenômeno, experimentou-o e tem procurado explicá-lo.

Tôda a percepção supranormal de um objeto *real* pode pois, *a priori*, ser considerada como um caso de visão paróptica. Tôda a recepção por um percipiente P de um sentimento ou de um pensamento emitido por um agente A e não concretizado por um desenho que A esteja olhando, é um caso de telepatia experimental.

O ilustre físico espírita Oliver Lodge, que se entregou a numerosas experiências de telepatia de 1883 a 1884, em Liverpool, consagrou-lhes uma longa exposição em seu livro *A Sobrevivência Humana*. Desgraçadamente um número

considerável delas têm por objeto a descrição ou a reprodução de desenhos, isto é, de objetos tendo uma existência *real*, ou à adivinhação de cartas de jogar, e, nestes dois casos, podem ser explicados como fenômenos de visão paróptica sem nenhuma relação com a telepatia. Para que esta seja tida como certa, é preciso estar assegurado, de início, que os percipientes não são sujeitos sensíveis exercendo a faculdade supranormal da visão paróptica.

Como Lodge, Warcollier se confundiu mais de uma vez em suas experiências de telepatia com êsses casos de visão paróptica. A prova disto está em seu notável artigo *A Transmissão do Pensamento e o Pensamento* (Revue Métapsychique, julho de 1958, pág. 28). Trata-se da transmissão de palavras escritas, que têm uma existência *real*, por conseguinte visível por todos os seres vivos comuns providos de visão normal. Ora, a característica da visão paróptica é precisamente de se efetuar fora do campo da visão normal do percipiente, mas sobre objetos *reais* como um desenho, uma palavra impressa ou escrita, e nunca sobre um objeto *virtual* como um sentimento ou um pensamento, que nunca se concretizam, aos quais não se dá nenhuma representação concreta.

«Escreveu-se, conta-nos Warcollier, a palavra *limaces* (a fruta lima ou o molúsculo lesma) e o percipiente traduziu a princípio sua impressão por *limande* (linguado, sôlha, um peixe).» Essas duas palavras têm cinco letras em comum às quatro primeiras na mesma ordem. Mas representam idéias totalmente distintas, distantes uma da outra. Como, pois, não pensar que o paciente foi impressionado não pela idéia emitida mas pelo grafismo da palavra escrita?

A palavra *Não*, escrita por Warcollier (R. M. julho, 1958, p. 28) foi lida paranormalmente como um número de três cifras do qual o do meio era um zéro. Não há nenhuma similitude de idéias entre uma negação e um número, mas há uma similitude de grafismos. Trata-se, cremos, de dois casos de visão paróptica e não de telepatia.

O eminente autor parece aperceber-se disso quando escreve: «Com Ossowiecki, parece-me que os erros cometidos constituem significativas provas de que a clarividência pode falsear as ex

periências telepáticas quando a mensagem *estiver escrita.*»

A palavra *clarividência* que empregamos num sentido mais amplo, é aqui estritamente sinônimo de «visão paróptica», isto é, de visão supranormal de um objeto *real* colocado fora do campo de visão normal do percipiente. Nesses casos, o papel do *agente* é nulo enquanto que na telepatia tem o seu valor.

Entre as experiências de Lodge em 1883 e 1884, lembradas aqui, e as análogas de Warcollier, há uma diferença essencial: reside em sua interpretação.

O grande físico inglês pensava ter-se entregue a experiências telepáticas enquanto que, dessas, as mais bem sucedidas, aquelas cujo sucesso não tem uma oportunidade sobre dez milhões de serem devidas ao acaso, são, segundo toda a verossimilhança, casos de visão paróptica.

Ao contrário, com Warcollier, o experimentador sabe e diz que a clarividência (com o sentido de visão paróptica) pode igualmente produzir o fenômeno, e esse cuidado com duas hipóteses possíveis aparece ainda no artigo de 1960, *Telepatia ou Clarividência*.

Mas, ao lado dos fatos paranormais com dupla interpretação possíveis, há casos de detecção de frases apenas pensadas (R. M. julho, 1958, p. 29) e aí estamos diante de casos incontestáveis de telepatia.

A observação escrupulosa dos fatos conduziu Warcollier a uma concepção muito diferente da que havia corrido antes dele.

«Se a telepatia existe, escreveu Crookes (Discurso pronunciado em 1898 na Associação Britânica pelo Progresso da Ciência) nós estamos diante de dois fatos físicos produzidos no cérebro de A, o sujeito sugestionador, e de uma mudança física análoga produzida no cérebro de B, o sujeito receptor da sugestão».

Pensava-se, antes de Warcollier, que bastava ao agente A uma grande força de vontade para transmitir seu pensamento ao percipiente B e Warcollier constatou que não é assim.

«Não se trata de vontade, escreveu, mas de um acôrdo. Não se impõe um pensamento pela força, mas pela simpatia. Não se entra em relação psí-

quica com um sêr porque queremos esse sêr, mas porque o amamos. A indiferença afetiva é absolutamente inibidora... Em realidade não há uma compulsão telepática: dois sêres estão de acôrdo ou não estão.»

Como Osty, Warcollier notou que a transmissão do pensamento é *extremamente rara*, que é constatada mais do que verificada experimentalmente. E êle escreveu: «Há no pensamento um fator cerebral mais consciente que o subconsciente, que não é talvez transmissível e um outro fator, seu eco no mundo psíquico, onde reina a telepatia. O pequeno mundo cerebral é estritamente individual, o segundo, é comum a todos os sêres, como o ar que respiramos.»

Do ponto de vista prático, Warcollier formulou as regras seguintes que anotamos de um excelente artigo de R. Dufour sobre a obra de René Warcollier e a telepatia experimental (R. M. ano 1962, pág. 27 a 34):

1 — Quando muitas pessoas percebem um mesmo objeto, elas podem estar em mútuo acôrdo telepático.

2 — Quando muitos percipientes pensam em conjunto no mesmo agente, podem estar em acôrdo telepático.

3 — Quando muitas pessoas percebem objetos diferentes mas semelhantes, podem estar em acôrdo telepático.

4 — Em geral, quando muitas pessoas recebem sensações idênticas, embora distintas, podem estar em acôrdo telepático.

5 — Quando muitas pessoas têm as mesmas preocupações, as mesmas aspirações, podem estar em acôrdo telepático.

Nestas cinco regras não se deve ver, evidentemente, nem condições necessárias nem condições suficientes para a produção de um fenômeno de telepatia. São anotações que podem ter uma grande utilidade prática, e por essa razão merecem ser conhecidas de todos os experimentadores de fenômenos psíquicos.

Convém, pois, não confundí-las com as duas leis seguintes, da visão paróptica, que enunciei em 1946 em minha brochura: *A visão através dos corpos opacos ou visão paróptica* (Livraria Leymarie.)

Para que um sujeito clarividente,

hipnotizado ou não, possa perceber um objeto (por exemplo um texto escrito ou um desenho) subtraído à vista normal, é preciso que uma das duas condições seguintes seja verificada:

1 — O objeto deve estar exposto à luz.

— 2 — Em caso contrário o objeto deve ser colocado num cofre, caixa ou pacote que o percipiente possa tocar durante um tempo suficiente.

Estão aí as condições necessárias, das quais uma deve ser obedecida para que a visão paróptica seja possível. E', pelo menos, a conclusão à qual cheguei através de vários percipientes cujas faculdades supranormais desapareciam desde que uma dessas condições não fôsse seguida.

Só na *Revista Metapsíquica* Warcollier publicou uns sessenta artigos extremamente importantes, quase todos consagrados ao estudo da telepatia. Em especial estudou a transmissão de desenhos e de côres.

E' preciso render a mais completa

homenagem à vasta obra de René Warcollier sôbre a telepatia experimental, obra que permanecerá como uma base de tôdas as pesquisas que possam ser prosseguidas nêste domínio. Associamo-nos à conclusão de R. Dufour de que, sem dúvida «êle tinha o desejo de mostrar aos especialistas da ciência oficial que a telepatia, e mais geralmente a metagnomia, merecem ser estudados pelos mesmos métodos e com a mesma consideração que os fenômenos da psicologia banal. Se não conseguiu isso terá pelo menos feito mais próximo o momento em que, para as ciências metapsíquicas, o *dignus intrare* será pronunciado.»

E Dufour termina por estas palavras cujo valor pessoalmente apreendo: «Tôdas estas aquisições do espírito, associadas à sua incomparável erudição metapsíquica, fazem de René Warcollier, cuja bondade atingia um grau exemplar, um homem que se tem a honra de ter conhecido e de ter tido por amigo.»

Transcrito de «*La Tribune Psychique*»

Fenômenos de Materialização

Estudados por Equipe Médica

Sentido das novas ocorrências espíritas de Uberaba — Rumo ao arejamento de nossas posições científicas

Há vinte anos, levantava-se no Brasil uma onda de anti-espiritismo, que se fundamentava na falsa alegação do desinterêsse da ciência pelos «pseudo-fenômenos espíritas». Na crista dessa onda apareceu o livro do prof. Silva Mello, afirmando por escrito certas coisas que até então só se dizia em cochichos. E logo a seguir houve um derrame de artigos laudatórios em revistas e jornais, chegando-se mesmo a proclamar, além da morte-científica do Espiritismo, também a morte-natural da Metapsíquica. Isso, — exata, precisa, inelutavelmente, — no momento em que a Parapsicologia entrava na

sua fase aurea de desenvolvimento, nos Estados Unidos e na Europa.

Para a ciência brasileira, os fenômenos parapsíquicos não passavam de balela. E quando os espíritas, — como o fez o prof. Sergio Valle, corajosamente, em seu livro de refutação erudita e lúcida: «Silva Mello e os Seus Mistérios», — erguiam-se contra a onda, eram logo acusados de retrogradados. Não poderia haver melhor exemplo do nosso insulamento cultural. Já antes da guerra mundial de 39-45, o prof. Rhine, nos Estados Unidos, e o prof. Marchese, na Iugoslávia, com mais de oito mil milhas marítimas

entre ambos, além das extensões de terra continental haviam realizado suas famosas experiências de telepatia à distância, com pleno êxito. Mas o prof. Mello e seus sequazes continuavam a dizer que a transmissão do pensamento era questão de simples habilidade na leitura de gestos e tiques fisionômicos!

Foi necessário que duas décadas rodassem sôbre a vastidão continental do Brasil, e que, derrepente, surgisse o caso Arigó, para que a ciência brasileira descobrisse o avanço universal da Parapsicologia. E assim mesmo, foi ainda necessário que dois investigadores norteamericanos viessem a Congonhas, e um deles se deixasse operar por Arigó, para que os nossos meios científicos começassem a suspeitar da possibilidade de alguma coisa incomum em Congonhas do Campo. Como diria o prof. Rhine: o império da Física, no seu mau sentido de materialismo grosseiro e superado, continuava asfixiando a inteligência brasileira.

Carrancismo igual, só o dos chineses por trás das muralhas que os cânhões ocidentais tiveram de arrombar: No nosso caso, a tática das forças do progresso foi diferente. Elas agiram internamente, lançando sôbre a crosta física da nossa intelectualidade os impactos formidáveis de Chico Xavier e José Arigó.

Mas, como essas poderosas bombas ainda não fossem suficientes, temos agora Waldo Vieira e Otilia Diogo. O primeiro é um jovem médico mineiro, culto e extraordinariamente lúcido, que faz psicografia ao lado de Chico, com a hu-

mildade do sábio de tipo socrático. D. Otilia, pelo contrário, é uma frágil e pobre mulher analfabeta, que sai da sua timidez caipira para abalar a nossa caturrice materialista, com os seus fenômenos de materialização. A fotografia da equipe de médicos que realiza experiências com ela, — como vemos na reportagem da revista «O Cruzeiro», — apresenta-nos uma série de fisionomias jovens. Isso nos mostra que os jovens médicos, saídos dos bancos acadêmicos, duramente materialistas, não quiseram carregar nos olhos a mesma venda dos mestres. Como queria Ingenieros, êstes jovens «arremetem para o futuro.»

Ao todo, são dezenove os médicos que participaram das experiências de materialização, realizadas em Uberaba, com d. Otilia e outros médiuns. Por que essa equipe de médicos, recrutados em São Paulo e Minas, e não uma comissão designada por uma de nossas instituições científicas? Porque a ciência institucional continua sentada nos bancos acadêmicos, e êsses jovens médicos estão de pé. Êles não se contentam com um horizonte fechado pela muralha da China. Querem alargar as perspectivas, olhar mais longe, vêr as coisas em mais amplas dimensões. O reporter José Franco falou em «juri de médicos», mas errou. Não é um juri que se reúne em Uberaba: é um comitê revolucionário. Não são os Dezoito do Forte, mas os Dezenove do Descampado, que avançam em mangas de camisa para a Era do Espírito, arrancando o pensamento brasileiro da modorra tropical.

Irmão Saulo

Crônica Estrangeira

VIDAS ANTERIORES

De Psychica

Quando falamos das coisas do Lado-de-Lá, diz Léon Chevreuil, não pretendemos dogmatizar, mas apenas tirar dos fatos as deduções mais prováveis. Na ignorância em que nos encontramos, sobre a organização psíquica, as objeções não têm nenhum valor: só a dedução é lógica. A objeção não existe senão relativamente à concepção pessoal daquele que a levanta. Se êsse começa por fazer uma idéia falsa do grande mistério, dar-se-á sempre razão, pois que seu raciocínio é justo, apenas seu ponto de vista é falso.

A dedução, pelo contrário, respeitará o método positivo e, se é lógica, não à certeza, mas a uma conclusão que se aproxima da probabilidade pois que é tirada dos fatos.

Não nos lembramos de haver vivido anteriormente, é um fato. Mas nós nascemos com aptidões inconciliáveis com a teoria de uma criação espontânea, eis um outro fato. Disso concluo que a hipótese de uma evolução anterior é a que se aproxima mais da verdade.

Ver uma inconseqüência no fato que nós admitimos uma exceção à regra geral que nos condena ao esquecimento, é puro ilogismo.

O Espiritismo não é senão o magnetismo do Lado-de-Lá; é pois nos estados profundos de hipnose que encontraremos certas analogias capazes de nos guiar nas pesquisas.

Ora, o esquecimento ao despertar é observação corrente nos estados de sonambulismo natural. Seria um grave erro ver aí uma lei que não sofre exceções, pois o magnetizado ordena a a um paciente que se lembre e não há inconseqüência a que o mesmo se dê no Além, isto é, durante o sono da morte.

Entretanto, para a criança que se lembra, não temos mesmo necessidade de fazer intervir o magnetizador do Outro Lado, uma vez que seu caso é

excepcional. Vítima de uma morte prematura, truncou-se sua entrada na vida, e a esta se prende quando as condições possíveis lhe são oferecidas. Nesses casos não foi franqueado o rio do esquecimento, foi retomado o fio de uma vida que continúa.

A grande vantagem do esquecimento, é passar a esponja nas manchas de nossa vida passada. Uma vida nova seria impossível se fosse preciso recomeçá-la com as cargas de um processo judiciário. Com a lembrança, como imaginar que uma criança pudesse viver ao lado de uma mãe desgraçada que dantes a atirara às águas, antes de se suicidar, como tão frequentemente acontece!

Pois, em virtude de laços adrede criados, elas se reencarnarão juntas. E o que poderia ser a existência de todas essas vítimas de dramas conjugais que regressam para se tornar melhores?... Daqueles que abandonam a esposa depois de ter-lhes posto fóra a fortuna?...

Com a lembrança, a vida não seria senão um vasto campo de cultura para iras inextinguíveis.

Espanta-se que não se compreenda isso.

Todavia, a criança que retorna à vida junto de sua mãe, não tem necessidade de esquecimento. Ela reconhece sua família, sua velha casa, mesmo depois que os pais já se mudaram dela, reclama seus brinquedos e reinvidica o nome que lhe fôra dado antigamente. Essas recordações inocentes de sua primeira infância não podem prejudicar sua vida presente, mas, no tocante a sua penúltima vida, o esquecimento já a encobriu e permanece completo.

E' realmente notável que os casos mais autênticos dessas reminiscências nunca foram constatados senão entre as crianças e entre famílias inteiramente estranhas à doutrina espírita à qual, pelo contrário, não depositavam nenhuma confiança.



DEFINIÇÃO DE ÊXITO

Uma enquete realizada na cidade de Boston, conforme anota *Claridad Del Alma*, acaba de premiar a seguinte definição do êxito:

«Teve êxito no mundo aquêle que viveu dignamente; que riu a miúdo e que muito amou; que ganhou o respeito dos homens inteligentes assim como o carinho das crianças; que cumpriu sua missão na vida e terminou sua obra com dignidade; que deixou o mundo melhor do que o encontrou, por meio de uma árvore, uma poesia ou uma vida salva da ruína. Teve êxito aquêle a quem nunca faltou o sentido da beleza do mundo e que soube dar uma expressão harmoniosa ao que sentia em sua alma; o que buscou incessantemente o que havia de melhor nos demais e que deu à humanidade o melhor que possuía; aquêle cuja vida foi uma sadia inspiração para os outros e cuja memória é uma benção.»



KACUGORO VOLTOU

O *Omoto* traz êste testemunho sôbre as vidas sucessivas: Na casa do agricultor Kjubei nasceu um menino em 1805, chamado Tozo. Tozo morreu de varíola aos cinco anos. Cinco anos depois, em 1815, em Nakano, na mesma província de Musali, nasceu na casa do agricultor Genzo um menino que recebeu o nome de Kacugoro. Genzo já tinha um filho, Otojiro, e uma filha Husa. Entre êles Kacugoro se desenvolvia cheio de fôrça e saúde. Um dia, quando tinha 7 anos o menino perguntou bruscamente aos irmãos se sabiam de quem tinham sido filhos antes. Responderam que de ninguém. «E' estranho disse Kacugoro, que vocês nada sabiam de antes de seus nascimentos.» Está claro que Husa e Otojiro nada sabiam. Kacugoro disse-lhes: «Eu sei como eu nasci antes desta existência. Eu era Tozo, o filho de Kjubei, que morava em Hodokubo.» Cheios de espanto os irmãos narraram essas palavras aos pais. Êstes pediram ao menino que lhes contasse o que sabia. Kacugoro contou-lhes que seu antigo pai morrera, e que sua mãe se casara com Hansiro e que por isso

não zelara por êle. Mesmo depois de doente ela não lhe dera os cuidados suficientes. Assim morrera aos 5 anos. Em seguida viera do túmulo para a casa dêles — em espírito — sem nada dizer a ninguém. Um homem velho, com uma branca cabeleira, vestido de preto, dissera-lhe que o seguisse. Depois de um curto trajeto o velhinho mandara-o entrar na casa ao lado. Era onde deveria renascer.

Tendo ouvido a estranha história de Kacugoro, o pai se apressou em tomar informes na casa de Hansiro, e o que Kacugoro dissera era perfeitamente verdadeiro.



O DOM DE CURAR DE MICK MICHEYL

Também em França processam-se os médiuns curadores. *Le Soir Illustré* escreve sôbre a compositora-autora-interpretante Mick Micheyl, atriz de teatro e de cinema: As mãos miraculosas de Mick Micheyl dão origem a um processo por exercício de medicina ilegal. Em favor da estrêla irão depôr Michel Simon, espírita confesso, Roger Pierre e Jacqueline Joubert entre outros. Uma rosa revelou à arqui-célebre cantora os seus dons naturais. Nêsse tempo ela própria não acreditava em passes curadores. Um admirador deu-lhe rosas, e a mais bela, Mick manteve longamente fechada em suas mãos. Essa flôr demorou muito mais do que as outras para fenecer. Pouco depois, num acidente no gelo, em Val d'Isère a atriz sofreu graves ferimentos que a imobilizaram no leito até que, recorrendo a um assistente, em 24 horas voltou às suas atividades. Êsse médium lhe teria dito: «Tu também tens o flúido e poderás curar.» Mick Micheyl, como todos sabem, tem um generoso coração. Ela pensou: Se tenho o flúido é preciso torná-lo útil e prestar serviços aos necessitados. De início murmurou-se, os céticos riram. Falou-se num truque publicitário. Hoje em dia, centenas de pessoas procuram o n.º 10 da Rua de Lancry.

— Morro de receio de que «êles» possam me impedir de exercer. Essa é a maior alegria de minha vida.

Os resultados obtidos por Mick são maravilhosos. Não apenas pessoas

de sociedade e artistas se socorrem dela mas também os doentes das classes mais modestas.

— Não curo a todos, diz ela. Mas sete vêzes em dez pode-se constatar melhoras e duas vêzes em dez uma cura completa e definitiva.

E a melhor prova de sua sinceridade é que sempre se recusou a receber qualquer honorário.

— Tenho o dever de cuidar dos

doentes. Pouco se me dá que isso possa prejudicar minha carreira. Prefiro curar. E assim, nas horas de folgas em que tôda a gente descansa, Mick Micheyl se encerra em seu gabinete, atrás da porta de S. Martim, atendendo a filas de doentes. E enquanto o momento de seu ajuste com a lei se aproxima, nós a louvamos por sua coragem e o claro exemplo de simpatia e interêsse pelas dôres humanas.



Espiritismo no Brasil

A PRESENÇA DE CAXIAS NA VIDA ESPÍRITA FLUMINENSE

(Ademar Constant)

Inegavelmente, de uns 2 anos a esta parte, Caxias logrou enorme projeção na vida espírita fluminense, sendo palco, ela mesma, de notáveis acontecimentos denunciadores de progresso, ou influenciando os seus dirigentes simpáticos eventos nas cidades próximas e distantes. Segundo o testemunho do dr. Floriano Perez, Presidente da Federação Espírita do Estado, o órgão maior da Doutrina no território fluminense renasceu desde o dia em que o autor desta nota apresentou crítica construtiva contra a inércia remanescente naquêle órgão de direção. Sensível à verdade da crítica, o Presidente da Federação passou à prática idéias que já havia elaborado e hoje, graças a Deus, ferveilha de entusiasmo a Seara fluminense.

Os tópicos abaixo mostrarão as principais ocorrências em dezembro findo.

Natal de alegria no C. E. Thiago Apóstolo

Sob a inspiração do sr. Antanas Alecsandrâvicus, Presidente da Casa de Thiago (n.º 491, Av. Duque de Caxias — Caxias — RJ), estiveram reunidos representantes de tôdas as casas irmãs e muitas centenas de componentes da casa hospedeira. Cânticos, recitativos, alegria e muitos presentes para as crianças, tudo foi feito por longas horas no

mais sadio clima de confraternização. O Centro, como de costume, esteve superlotado.

Homenagem da Federação a Caxias

E' de praxe, agora, que a Federação Espírita do Estado num domingo de cada mês (sempre o último), homenageie diferentes cidades fluminenses. Assim, convites são formulados com antecedência para estabelecer um calendário anual. As comunas então organizam caravanas que comparecem a Niterói com oradores próprios, tomam conta da Federação e peroram por tôda a tarde. Estabelece-se a confraternização e revelam-se tribunos. Em 1963, compareceram Macaé, Petrópolis, Magé, Nilópolis, Barra Mansa e outros mais que me escapam. Caxias, por motivos especiais, ficou para dezembro. Dessarte, no dia 29, lá compareceu a mais numerosa de tôdas as comitivas com o orador Títero Andrade Teles, que produziu, por sinal, atraente e bela palestra. Na oportunidade, o Presidente da Federação fêz questão de salientar uma vez mais a importância de Caxias, lembrando que o atual progresso no Espiritismo fluminense com a Federação novamente ocupando a liderança se deve exatamente ao brado de alerta do confrade Ademar Constant, proferido há 10 meses, quando tudo era brumoso e frio.

Nova Diretoria na Casa de Cairbar

Conforme fôra amplamente anunciada, realizou-se no dia 30/12/63, a Assembléia Geral Ordinária para a pres-

tação de contas do ano de 1963 e as eleições da Diretoria Executiva e do Conselho Fiscal da Associação Espírita Cairbar Schutel (n.º 161, rua Flávia — Caxias, RJ).

A solenidade foi presidida pelo sr. Alayde S. da Cunha, que além de velho consócio-benemérito, é Presidente da Câmara Municipal de Caxias. Em virtude de não haver chapas concorrentes, o plenário concordou que a votação fôsse feita por aclamação, detalhe que se cumpriu com vibrante salva de palmas. A diretoria ficou assim organizada: Presidente, Ademar Duarte Constant (reeleito); Vice-Presidente, Fernando Figueiredo Tavares (reeleito); Secretário, Otacilio Brandão; Diretor do Patrimônio, Manoel Felipe Marins (reeleito); Tesoureiro, Moisés Pedro Müller; Bibliotecária, Amarylis Moreira de Souza; Zeladora, Nair Odete Basilio da Câmara; Conselho Fiscal: Arlindo Batista, Neuza Cerqueira, João Batista e Waldemar Tenório.

Do movimento financeiro, destacam-se estas notas: a renda anual da entidade (sem campanhas especiais) alcançou a Cr. \$ 1.255.000,00, que deu renda mensal superior a Cr \$ 100.000,00. A Associação, um ano depois de inaugurada, não mais deve um centavo a ninguém e conta com um patrimônio moderno e novo da ordem de 20 milhões de cruzeiros. Finalmente, dispõe em bancos de Cr. \$ 381.000,00.

CONCENTRAÇÕES DE MOCIDADES ESPÍRITAS

Recebemos os Boletins n.ºs 1, 2 e 3, referente à IX Concentração de Mocidades Espíritas do Noroeste do Esta-

tado de São Paulo, a realizar-se na cidade de Lins, de 8 a 11 de fevereiro do ano em curso.

Reina grande entusiasmo entre os promotores desta IX Concentração, esperando-se, por isso, o comparecimento do maior número possível de Mocidades Espíritas.

— Estava anunciada para os dias 4 e 5 dêste mês, em Piracicaba, a 4.ª e última prévia da II Concentração de Mocidades Espíritas do Centro Sul do Estado de São Paulo, a realizar-se em Jundiá, nos dias 8 e 11 do próximo mês de fevereiro, e sob a orientação da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo (USE).

Sob os auspícios do C.R.E. das 4.ª e 17.ª Região da USE, e patrocinado pela U.M.E. de Jacareí, realizar-se-á, nesta próspera cidade do Vale do Paraíba, dia 15 de março do ano em curso, a XV Concentração de Mocidades Espíritas do Vale do Paraíba.

Brevemente será distribuído o programa referente ao desenvolvimento dêsse grandioso conclave.

COMUNICADO

Comunica-nos o Centro Espírita «Obreiros do Senhor», sito à rua Francisco Dias, 740 — Jardim da Saúde, S. Paulo,—que realiza tôdas as 2.ªs feiras, às 20 horas, a sua reunião de MORAL CRISTÃ, que visa sobretudo, dar esclarecimentos a respeito do FUMO e do ALCOOL, bem como de outros VÍCIOS, em geral, evidenciando as suas reais conseqüências.

Intercâmbio Espírita no Plano Internacional

Referindo-se às suas relações no plano exterior, a fim de incrementar o intercâmbio espírita no plano

internacional, o relatório apresentado pela Diretoria do Instituto de Cultura Espírita do Brasil informa que o Instituto, atualmente, já tem membros Correspondentes em 22 países (América, Europa, África e Ásia). Entraram, ainda há pouco, para o quadro de membros

Correspondentes do Instituto mais três elementos, respectivamente, da Finlândia, da Itália e do Japão. Visitou o Instituto, em outubro último, o diplomata brasileiro Dr. Hécio Pires, que é um dos membros Correspondentes.

A fortaleza moral não é produto de rogos alheios. Provém de nosso esforço na resistência para o bem. — A. L.



ÍNDICE



DAS MATÉRIAS CONTIDAS NO 39.º ANO DA

Revista Internacional do Espiritismo

(FEVEREIRO DE 1963 A JANEIRO DE 1964)

N.º 1 — FEVEREIRO DE 1963

	Página
A Teoria Espírita	Redação 1
A Última Palavra	Carlos Imbassahy 3
Espiritismo Religioso	Aureliano Alves Neto 5
Sessões mediúnicas à luz do Espiritismo	Kitch Taves 7
Terapêutica mediúnica sob colaboração mútua entre Espiritismo e Medicina	V. O. Casella 9
Depoimentos, filmes e fotografias comprovam o paranormal em Arigó	Prof. J. Herculano Pires 11
Confirmada pelos cientistas soviéticos a existência dos «Eflúvios Ódicos»	Hernani Guimarães Andrade 14
O Hebraico e a Expressão Personativa	Bianor S. Medeiros 16
Chico Xavier perante os grandes escritores	Jorge Rizzini 18
Serões Bíblicos	Luiz Caramaschi 21
Crônica Estrangeira	Redação 22
Espiritismo no Brasil	« 24

N.º 2 — MARÇO DE 1963

Os Testemunhos da Sobrevivência	Redação 25
Uma sensibilidade especial	Carlos Imbassahy 27
Richet e Kardec	Deolindo Amorim 30
Omissão Deplorável	Arnaldo S. Thiago 32
Causas de ordem espiritual responsáveis por lesões orgânicas	V. O. Casella 34
Os princípios racionais do kardecismo	André Moreil 36
Não temos condições científicas para exame de casos paranormais	Prof. J. Herculano Pires 38
Serões Bíblicos	Luiz Caramaschi 42
Estudando Kardec	Paulo Jacinto 44
Crônica Estrangeira	Redação 45
Espiritismo no Brasil	« 47

N.ºs 3-4 — ABRIL-MAIO DE 1963

Provas positivas da reencarnação	Redação 49
Angelo Watson Campêlo	« 51
Vidas sucessivas	Carlos Imbassahy 54
Teoria e doutrina	Deolindo Amorim 57
Ideologia e linguagem cristã e pagã	Bianor S. Medeiros 59
Transporte	João Teixeira de Paula 62
Arigó operou a cabeça do marujo epiléptico da Marinha de Guerra	Moacyr Jorge 64
Angelo Watson Campêlo	Januário Groppa 68

		Pág.
Dinâmica e fins das Mocidades Espíritas	<i>Natalio Ceccarini</i>	69
Serões Bíblicos	<i>Luiz Caramaschi</i>	71
Crônica Estrangeira	<i>Redação</i>	73
Espiritismo no Brasil	«	74

N.º 5 — JUNHO DE 1963

Mesmer	<i>Carlos Imbassahy</i>	77
O caso Cayce	<i>Réno-Bajolais</i>	80
O caso Arigó na Câmara Federal	<i>Campos Vergal</i>	82
Aura humana fotografada na Rússia	<i>CEBEPÊ</i>	85
Mme. Gabrielle Flammarion	<i>«La Revue Spirite»</i>	86
A respeito de críticas publicadas pelo General Alfredo Molinaro no jornal «Mundo Espírita»	<i>V. O. Casella</i>	88
Jackson — O Banqueiro	<i>General Levino C. Wischral</i>	91
Posição espírita em face do ensino religioso nas escolas	<i>Irmão Saulo</i>	94
Serões Bíblicos	<i>Luiz Caramaschi</i>	96
Crônica Estrangeira	<i>Redação</i>	98
Espiritismo no Brasil	«	99

N.º 6 — JULHO DE 1963

Os negativistas temem a Verdade	<i>Redação</i>	101
William Crookes, o Logrado	<i>Carlos Imbassahy</i>	102
Lei escrita e lei moral	<i>Deolindo Amorim</i>	105
Dr. Maurice Delarrey	<i>«La Tribune Psychique»</i>	108
A respeito de críticas publicadas pelo General Alfredo Molinaro no jornal «Mundo Espírita»	<i>V. O. Casella</i>	110
O caso Arigó na Câmara Federal	<i>Campos Vergal</i>	113
Visões no Invisível	<i>Gabrielle C. Flammarion</i>	115
Serões Bíblicos	<i>Luiz Caramaschi</i>	119
Crônica Estrangeira	<i>Redação</i>	121
Espiritismo no Brasil	«	122

N.º 7 — AGOSTO DE 1963

Saudemos esta data com mensagem ao Campêlo	<i>V. O. Casella</i>	125
A sacrossantidade de sessões e fenômenos	<i>Carlos Imbassahy</i>	127
«A Psiquiatria em face da Reencarnação»	<i>João Teixeira de Paula</i>	131
Um Precursor do Espiritismo	<i>Dr. Juan E. Corbella</i>	132
Importância da Aura Celeste	<i>C. B. P.</i>	135
Serões Bíblicos	<i>Luiz Caramaschi</i>	136
Espiritismo e Mediunismo	<i>Inst. de Cul. Esp. do Brasil</i>	138
A Hora Difícil	<i>Arnaldo S. Thiago</i>	139
Peculiaridades do Hebraico	<i>Bianor S. Medeiros</i>	141
Carl G. Jung afirma em seu testamento: A Vida continua depois da morte	<i>De «Novidades»</i>	143
Crônica Estrangeira	<i>Redação</i>	145
Espiritismo no Brasil	«	147
Necrologia	«	148

N.º 8 — SETEMBRO DE 1963

		Pág.
Pintores e surdos no espaço	Redação	149
Uma questão agrícola	Carlos Imbassahy	150
Reformas	Domério de Oliveira	155
Atitude Comprometedora	V. O. Casella	156
Ainda o caso Edgard Cayce	Francisco Klörs Werneck	158
Suprema Violência	Fernando C. Ferreira Cunha	160
Um só rebanho e um só pastor	Philemon	162
A Vida como compulsão reencarnatória	David Grossvater	163
Sexto Congresso Espírita Pan Americano	Redação	165
Serões Bíblicos	Luiz Caramaschi	167
Crônica Estrangeira	Redação	169
Espiritismo no Brasil	«	171

N.º 9 — OUTUBRO DE 1963

A Parapsicologia confirma o Espiritismo	Redação	173
O Movimento Espírita e a Reencarnação	Dr. Karl Müller	174
José Arigó (e outros temas)	Carlos Imbassahy	176
Pelo materialismo não há prova material anti-espiritualista	V. O. Casella	177
Irmão, o bom trabalho começou!	«Psychic News»	180
Pretensão e água benta...	Arnaldo S. Thiago	181
Cientista americano comprova a legitimidade do caso Arigó	Irmão Saulo	182
Bíblias	Bianor S. Medeiros	184
O fato espírita e a igreja	Walthère Donnay	186
A importante mediunidade de Nielsen	Adolph Bohm	188
Serões Bíblicos	Luiz Caramaschi	190
Crônica Estrangeira	Redação	192
Espiritismo no Brasil	«	195

N.º 10 — NOVEMBRO DE 1963

Não revelam culturas moral e intelectual os que acusam o Espiritismo de fraude	Redação	197
Observações de uma crônica	Carlos Imbassahy	198
Tese materialista apoiada em base falsa	V. O. Casella	201
Shalders atingiu cem anos como espírita con- victo	Irmão Saulo	203
Ainda Escola Pública	Major Mac Maynard	205
Ainda o caso Edgard Cayce	Francisco Klörs Werneck	206
Reencarnação	Dr. Karl E. Müller	209
Proposta de Pietro Ubaldi ao Congresso Pan Americano	Irmão Saulo	211
Recordar é mesmo viver	Domério de Oliveira	213
Serões Bíblicos	Luiz Caramaschi	215
Crônica Estrangeira	Redação	217
Espiritismo no Brasil	«	219

N.º 11 — DEZEMBRO DE 1963

Pelos médiuns de cura	«La Tribune Psychique»	221
Cepticismo desculpável e indisculpável	Carlos Imbassahy	222
Anti-científica a tese materialista das «Radia- ções Mentais»	V. O. Casella	225
Para o bom entendimento da Verdade	Arnaldo S. Thiago	227

		Pág.
As idéias espíritas de Leon Tolstoi	«Le Matin»	232
O Espiritismo tem uma missão	Mac Maynard	233
Psiquiatra mundialmente famoso revela que era médium	«Sunday Times»	236
Serões Bíblicos	Luiz Caramaschi	238
Necrologia	Redação	240
Crônica Estrangeira	«	241
Espiritismo no Brasil	«	243

N.º 12 — JANEIRO DE 1964

Natal	Redação	245
E' ingênua a tese materialista das «Materia- lizações Mentais»	V. O. Casella	246
Artigos Escolhidos	Carlos Imbassahy	249
Profundamente Extranhável	Arnaldo S. Thiago	251
Espiritismo e Religião	Deolindo Amorim	253
Programa mínimo e imediato a ser cumpri- do pela C. E. P. A.	Natalio Ceccarini	255
As artes de perder o tempo	Tito L. Bancescu	258
A obra de René Warcollier	M. Lemoine	260
Fenômenos de materialização estudados por equipe médica	Irmão Saulo	263
Crônica Estrangeira	Redação	265
Espiritismo no Brasil	«	267





Para o Natal dos Pobres patrocinado pelo Centro Espirita «Aman-tes da Pobreza», em 1963, recebemos mais os seguintes donativos:

D. Maria Preto Gandolfi, 1.000,00; d. Olga Barbieri Perche, 3 ms. de tecidos; Luiz Parreira, 100,00; Antonio de Luca, 1.350,00; Angelo Boscaia, 1.000,00; João Antunes de Oliveira, 50,00; João C. Reis Poso, 50,00; Jacinto P. de Souza, 500,00; João Coletto, 500,00; Luiza de Mello, . . . 2.000,00; Pedro Corrêa de Mello 3.000,00; Benedito Piza, 500,00; José Corrêa Carvalho, 5 quilos de açúcar refinado; Eustaquio Pereira Rangel, 500,00; Nilo Barbosa, 1.000,00; Anônima de Sta. Rita do Sapucaí, 100,00; Lista angariada pelo sr. Mariano Forteza, 1.500,00; Alviro Malandrino, 600,00; José Zancanaro, 200,00; Valdina Zancanaro Laguna, 200,00; Servando Gonzales, 3.000,00; Silvio e Clementina, 200,00; José Goulart de Faria Neto, 200,00; Helena Goulart de Faria, 200,00; Nha Dona e Juquinha, 100,00; Octavio Eurico Goulart de Camargo, . . . 1.000,00; Alberto Vasconcelos, 350,00; José Bocucci, 200,00; Gines Rodrigues Borgonhós, 300,00; Corinda S. A. Industria, Comércio e Administração, 3.000,00; José Pessoa Pires, 1.000,00; Irmãos Pauli, 30 ks. de farinha de mandioca; Massas Al. Semoleite Ltda., 1 saca de macarrão; Família Gibim, 250,00; Irmãs Camargo, 5.000,00; Albertino J. Moraes, 2.500,00; Carlos M. Pereira, 500,00; d. Eugenia Silva, 300,00; d. Maria L. Fiorot, 200,00; Oleos Alimentícios Cambuy S. A., 3.000,00; Irene Carvalho, 250,00; Angélica Brochno Gaio, 650,00; Belarmino Caparelli, 200,00; Antonio Coracini, 50,00; Miguel Onofrio Netto, 400,00; d. Clara K. Simões, 1.000,00; Casas Pernambucanas, tecidos no valor de cr.\$1.520,00; d. Mariquinhas Antunes, 100,00; D. Arlinda Perche Antunes, . . . 500,00; Dr. Gil Perche de Menezes, 1.000,00; Funcionários do Banco do Brasil S/A., 1.500,00; Fábrica de Meias «Sonia», 1.000,00; Américo Parisi, 500,00; Esualdo Machado, 500,00; Américo Marquese, 1.000,00; Fuad Kfourri, 500,00; Casa Guarani, Confeções Kfourri, 500,00; Anônimo, 500,00; Bidutti & Pirola, 500,00; Vitorio Tagliavini, 500,00; Sylvia Maria B. Mendes, 500,00; Walter Cicogna, 500,00; Irmãos Bottura, 100,00; Grimaldo Bonini, 100,00; Alaercio Bonini, 200,00; Isaias Simão, 200,00; Aristides Mazu-
chelli, 200,00; Angelo de Rizzo, 500,00; Loyde G. de Freitas, 100,00; José de Castro Freitas, 100,00; Belfort Monteiro, 100,00; Jayme Rodrigues Lopes, . . . 200,00; Cyro Modé, 100,00; Antonio Gandini, 50,00; Feres Lian, 100,00; Alvaro Amorim, 100,00; Anônimo, 200,00; Oswaldo Ferreira Beozzo, 200,00; Oreste Bozelli, 100,00; C. Pinheiro, 200,00; Adail Emiliano da Silva, 100,00; Ana Maria Monteiro, 100,00; Baldan Implementos Agrícolas S/A., 6.000,00; Cavicchiolli & Cia. Ltda., 1.000,00; Anônimo, 200,00; Raul E. Capparelli, 200,00; Anônimo, 200,00; D. Durva M. Maccagnan, 1.000,00; Aldo A. Bottura, 100,00; Anônimo, 500,00; Renê Biava, 200,00; Casa Bancária Irmãos Malzoni S/A., 500,000; Funcionários da Casa Bancária Irmãos Malzoni S/A., 500,00; Francisco Mastropietro, 500,00; Aldo Cadioli, 100,00; Antonio Natalino Artimonti, 500,00; Ferdinando Bambozzi, 1.000,00; Angelo Bettio & Filho, 1.000,00; Waldemar Capparelli, 200,00; Anônimo, 100,00; Anônima, 100,00; José Vicente, 20,00; João Guerreiro, 100,00; D. Maria Montanheira, 200,00; D. Conchita B. Ruocco, . . . 500,00; Juvenal dos Santos, 100,00; Anônima, 100,00; Alvaro Fonseca, 200,00; D. Urica Benassi Cunha, 500,00; Deborah Marques, 50,00; Julio José da Cunha, 50,00; Douglas Marques Junior, 50,00; Osmar Marques da Cunha, 50,00; Ney Marques da Cunha, 50,00; Maria Ap. Morelhão, 100,00; Celso da Cunha. . . 200,00; Waldemar da Cunha, 200,00; Omar da Cunha, 200,00; Maria Zilda da Cunha Marques, 200,00; Yvone Alcauza da Cunha, 200,00; Em intenção de Martha Cunha, 150,00; Sonia Maria Morelhão, 50,00; Maria Augusta dos Santos, 50,00; Clotilde da Cunha, 100,00; Uma anônima de Araraquara, 100,00; Sergio, Silmar e Silvia Regina Fatori, 150,00; Adelina Rossi do Prado, 100,00; Arminio Arruda Camargo, 2.000,00; Bambozzi S/A., 2.000,00; Luiz Rosa Junior, 50,00; Tereza Cristina Ortiz, 200,00; Silvia do Rosário, 100,00; Paulo José Pavarini, 50,00; Tereza Berto, 100,00; Paulo M. Ciarlo, 500,00; Pedro Mendes de Barros, 500,00; (continua)

Obras Recomendáveis

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Conferências Radiofônicas
Cristianismo e Espiritismo
Na seara do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
Obras Póstumas
A Genese
O Céu e o Inferno
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Principiante Espírita

Vários assuntos :

O Espiritismo e as Doutrinas Es-
piritualistas
Hipnotismo e Espiritismo
Hipnotismo e Mediunidade
Evolução Anímica
Fenômeno Espírita
A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Resumo da Doutrina Espírita
A Loucura sob um novo prisma
Jesus dos 13 aos 30 anos
A Psiquiatria em face da reencar-
nação
O Espiritismo à luz da crítica
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Depois da morte
O Espiritismo à Luz dos Fatos
A Reencarnação
Como os Teólogos refutam
A Psicografia ante os Tribunais

Romances :

O beijo da morta
Ave Cristo
Amor e Odio
Nas telas do Infinito
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Memórias do Padre Germano
Solar de Apolo
A tragédia de Santa Maria
Marieta
Marta
A Barqueira do Júcar
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
Eleonora
Apenas uma sombra de mulher
Mireta
Redenção
Lidia
A Sonâmbula
O Chanceler de Ferro
Herculanum
Memórias de uma alma
A vingança do Judeu
Dor Suprema
Nas Voragens do Pecado
Romance de uma Rainha

Infantis :

Vida de Allan Kardec
Seara Infantil
Os apuros de Raimundo
Meu livrinho de Orações
História de Paulinho
Historietas do Irmão Monteiro
Histórias que Jesus contou
Os meus deveres
História de Catarina
Os milagres de Jesus
Catecismo Espírita
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor Responsável: José da Cunha

Redação e Administração
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL
AVENIDA 28 DE AGOSTO N.º 780

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira*, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano — Assinatura simples Cr.\$1.000,00
Semestre — " " " 550,00

NÚMERO AVULSO CR.\$ 100,00

As assinaturas são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 : — : Rio de Janeiro

Em São Paulo :

LIVRARIA BATUIRA — Rua Bitencourt Rodrigues, 37

8931CL
02-06-07 32180

824

XL

SHI
GROUP